

PQ
9697
B565
F6.

2
697
565
6

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY



Digitized by Google

Cornell University Library
PQ 9697.B565F6

Folhas dispersas; fragmentos[de] Bethencourt



3 1924 005 796 820

olin

BETHENCOURT DA SILVA

FOLHAS DISPERSAS

(FRAGMENTOS)



Rio de Janeiro
DIAS DA SILVA JUNIOR
Typographo-editor
1878

Bethencourt da Silva, Eugenio.

TYPOGRAPHIA — CARIOWA

145 a 147 Rua Theophilo Ottoni 145 a 147

25/245

CS

Digitized by Google

Carta a Bethencourt da Silva

MEU AMIGO,

Ha de lembrar-se que fui eu que o aconselhei a que condensasse em um livro varios dos escriptos com que, em differentes quadras de sua vida, mimoseou o nosso publico.

Em minha fraca opinião, os que se acham juntos aqui, unicos que conheço, accusam grande talento em seu auctor.

Si a architectura não tivesse apertado tanto em seus braços o escriptor para que ficasse livre o artista, talvez á pena daquelle se devessem já monumentos capazes de competir, da sua esphera, com as immortaes inspirações deste nas obras do Sacramento e do Collegio de Pedro 2º

Bethencourt da Silva, como architecto, perten-

ce já à posteridade. No Rio de Janeiro, e até fora do Rio e do Brazil, este nome é apontado com merecidos gabos.

Como escriptor, o presente livro dá testemunho, não do que elle vale, mas do que poderia valer, si o culto das letras não fosse prejudicado, como já se referiu, pelo culto da arte quasi incessantemente.

O que está aqui, foi escripto por Bethencourt da Silva com longos intervallos.

Ora, as letras têm as suas tradições que se não esquecem impunemente. Como acontece aos secretariados, qualquer interrupção, ou afastamento traz para elles diferenças e perdas.

Deixai sem exercicio por um anno a penna do mais puro e fecundo escriptor, que não será preciso mais para que suas inspirações se tornem tardias, e o instrumento glorioso se faça perro, grosso e esquecido das delicadezas e opulencias de outr'ora.

O exercicio é um dos primeiros talentos em todos os officios.

A elle deve muita mediocridade, assim em letras, como em sciencias, artes, politica e em tudo o mais o ser apontada com elogios que só deviam lograr altos engenhos.

Dá seu trabalho distinguir o talento naturalmente creador, do talento do esforço; dá seu trabalho, mas conhece-se.

Entre os escriptos que compõem seu livro, o que, a meu parecer, affirma com mais segurança a sua individualidade intellectual, é o juizo sobre o *Egas Muniz*.

Ha ahi conhecimento da historia, da critica, do vigor de forma, da facilidade e riqueza de estylo.

O segundo logar pertence incontestavelmente ao estudo do romance brazileiro de Manoel Antonio de Almeida, intitulado *Memorias de um sargento de milicias*.

Não falta aos outros espirito, nem inspiração nem vehemencia; mas talvez pela razão de ro-larem sobre assumptos, ou mais geraes, ou mais abstractos, o cunho vivo e fundo que se vê nos dois primeiros, é nestes ultimos menos fundo e menos vivo, com serem dignos de leitura, visto que a imaginação espalhou por cima delles muita flor e muito sonho.

Eis tudo o que pôde arriscar, de momento, a minha penna sobre o seu livro, que não precisa de cartas, nem de apresentações, nem de favores para convidar á leitura.

Pena tenho eu, que para este edificio litterario
do primeiro architecto brazileiro, se entre pelo
portico de minguadas e modestas proporções que
lhe deixa aqui

SEU AMIGO

Franklin Cavora.

Rio — Janeiro. — 78

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

Memorias de um Sargento de Milicias

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS

Curvado de respeito ante a memoria illustre de Manoel Antonio d'Almeida, de cujo preclarissimo talento, caracter generoso e nobre espirito vou tratar nestas linhas, sinto-me sem forças para tão grave commettimento.

No intimo do coração envelhecido despertam-se-me as saudades; e recordando a aurora d'aquella vida de entusiasmo e crenças, o ledo poetar, a fé juvenil nas louras phantasias em que vivi com elle, ocupado nas aspirações do ideal que nos aproxima do céo em arroubos estremecidos, ou antes nas perspectivas de uma eterna glorificação, ainda minha alma verte as lagrimas amargas da nostalgie, que a ausencia da terra que adoramos jámai estanca em nós quando temos organisações sensiveis.

Os annos de minha juventude, que cedo se desvaneceu no horizonte longinquio, donde rapida corre a noite eterna que se me avisinha, passei-os ao lado delle. Eram-nos communs os desejos, os risos e os folguedos; a elle me sentia unido pela sympathia inexplicavel que lhe attrahia todas as affeicoes e que era uma das suas primeiras prendas naturaes.

Estudando a seu lado, sentindo com elle, no que havia mais intimo e santo, eu me revia na lucidez d'aquelle espirito sublime, na candura daquelle alma immaculada.

Seu talento; o superior attributo de dizer as cousas com distincta dicção de novidade, com belleza, ternura e graça, ingenito condão das naturezas harmoniosas; a palavra facil e correcta; a languidez imperturbavel que tinha sua physionomia sempre placida; um—que—dessa expressão intertropical, que tão bem caracterisa a nossa indole; alguma cousa de indifferença para o que se passava ao derredor de si, tudo isso constituia de certo um typo especial que a mocidade estudiosa das letras e das artes distinguia, apreciava e amava sob o nome querido de *Maneco Almeida*, carinhoso epitheto por que o tratava aquella que lhe fôra mãe, para ser o seu amparo no mundo.....

Santa e nobre creatura!... Educando-o, varava-lhe n'alma toda a amenidade de seu doce trato, todo o affecto de seu magnanimo coração.

N'aquelle lar, modesto e pobre, havia lugar para todos. Os amigos, quasi irmãos, de Manoel Antonio de Almeida, não sabiam qual era a sua melhor casa materna. Ella era mãe para todos. Que o seu nome fique apontado nestas paginas, que escrevo com a mão tremula de uma commoção intima, como um tributo do muito que devo a D. Josephina Maria d'Almeida.

Nas visões do nosso juvenil entusiasmo, a divinizar amores, que imaginavamos eternos, porque eram puros, quantas vezes, ao lado do já então notabilissimo Manoel Antonio Duarte d'Azevedo, hoje elevado ás maiores alturas sociaes, em um mundo de crueis desillusões, e ao lado de Domingos Jacy Monteiro, que tambem era para elle um como irmão, encetavamos nossos torneios litterarios, especie de desafio, em que a melhor palma cabia sempre a elle, juiz, censor e mestre, que por tal o haviamos aclamado no calor dos nossos devaneios!

A estes, que eu não podia separar como primeiros, juntavam-se outros, que por ahi vão, como nós, recordando sempre com saudade, aquelle bom irmão que perdemos no dia 28 de

novembro de 1861, por occasião do inconceptível naufragio do vapor «Hermes», nas pedras desconhecidas dos mares de Macahé.

A 17 de novembro de 1831, nascera Manoel Antonio d'Almeida nesta cidade de S. Sebastião que já antes se orgulhava de haver sido o berço de S. Carlos e de Mont'Alverne ; de Magalhães e de Dutra e Mello ; de Antonio Ferreira Pinto e de Laurindo Rebello, como elle todos grandes pelas letras e pelo talento tantas vezes provado nos recursos da omnipotencia de suas phantasias.

Semelhante ás estrellas e ás flôres, que vemos todos os dias com indifferença, sem nos admirarmos de sua belleza, nem pensarmos como o céo e o campo seriam ermos e tristes, se umas e outras desapparecessem d'ahi para sempre, Manoel Antonio d'Almeida existio entre nós sem aquelles especiaes carinhos e solicitudes á que tinha incontestavel jus. Quando a morte nos veiu apagar aquella luz brilhante e ignivoma, só então conhecemos a immensidade da perda pelo irremediable da falta !

Tão dolorosa noticia, espalhada nesta cidade sempre condoida dos infortunios, inspirou ao illustre redactor do *Mercantil*, em 5 de dezembro de 1861, o Sr. Dr. Francisco Octaviano, a seguinte noticia :

« Na lista dos naufragos que escaparam de desastre, não encontramos o nome de um, nosso irmão de letras, o Dr. Manoel Antonio d'Almeida, que tambem se achava como passageiro no vapor. Esse digno fluminense, estimado geralmente nesta Côrte, parece que foi uma das victimas do fatal successo do dia.

« Dotado de um talento extraordinario, Almeida adivinhava com alguns momentos de attenção tudo o que não estudára; e escrevia sobre assuntos examinados de relance como se de longo espaço os tivesse aprofundado.

« Apezar de sua imaginação ardente, tinha um estylo rapido e conciso, de sorte que os seus artigos eram admiraveis pela sobriedade da phrase, abundancia da idéa e belleza da fórmula.

« Se a agitação de sua vida não o houvesse desviado da imprensa, Almeida podia ter sido o mais illustre de nossos jornalistas. Mas esse infeliz mancebo arcando com a pobreza e tendo de prover á subsistencia e futuro de suas irmãs, vio-se obrigado a deixar a carreira de sua predilecção, que poucos lucros offerece, roubando entretanto o melhor do tempo, o socego de espirito e até mesmo as amizades irritadiças.

« Ha um anno que elle vivia como que em

desespero, e já desanimava dos homens e de si proprio. A viagem que emprehendêra era ainda um esforço contra o māo destino ; foi o ultimo : parece que elle pôde dizer como Alfieri :

« Finalmente descanso. »

Lutando por desusado esforço com os embarracos inherentes á pobreza, especie de pedra de toque em que se afinam as faculdades imperiosas do genio dos poeta e do artista, Manoel Antônio de Almeida que só recebeu de seus maiores os bons exemplos da virtude, tinha estudado preparatorios, e um pouco de desenho de figura na Academia das Bellas-Artes, quando, sentindo dentro em si aquelle fogo sagrado que, elevando o homem ás altas conquistas da intelligencia, une a creatura ao Creador, votou-se com todo o ardor da sua rara intelligencia aos estudos da medicina, recebendo o annel de dotor em 1853.

Para alcançar esta honra scientifica, obedecendo aos febris impulsos da sua vontade, umas vezes impetuosa, outras suspensa entre a duvida do desejo e do malogro, faleceram-lhe os mais indispensaveis e insignificantes meios.

A bella alma de sua mãe partira para o céo, deixando-o sem recursos ; para tanta dôr, ficára-lhe apenas, como esforço supremo, a doce

consolação de sentir-se amado de seu irmão mais velho e de duas irmãs que elle estremecia com razão e por dever, porque era o pai e o primeiro amigo dessas criaturas.

O *Correio Mercantil* que n'aquelle tempo representava ainda uns restos desse amor da patria, não movido de premio vil, de que fallou o poeta, era o abrigo dos homens de letras que alli se reuniam e estreavam, anunciando-se ao paiz por valentes soldados da civilisação e amigos da liberdade....

Em tão boa companhia, era de razão que aparecesse aquelle prodigioso e formosissimo talento ; e que, apenas conhecido, se lhe abrissem todos os braços e todos os corações.

Ao bom e venerando Dr. Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, especie de spartano, que a enfermidade afastou das lides do seu extremo labor, deveu Manoel Antonio de Almeida a sua entrada no mundo da imprensa jornalistica, e as doces esperanças que o generoso caracter de Muniz Barreto inspirava a toda a mocidade que o via e respeitosa o admirava.

Foi pcis nessa folha que appareceu Almeida como escriptor, tendo até então apenas collaborado com alguns amigos nos *Harpejos poeticos*, no *Guaracinga*, e no *Guaraciaba*.

Mobilisando facilmente os raros dotes de sua fertilissima aptidão, todos os trabalhos litterarios lhe eram familiares, quer poetasse em doces endeixas, n'um estylo facil e amenissimo, quer se lançasse em mais vasto horizonte, escrevendo criticas litterarias. Quer historiando factos de subido alcance, quer ainda no brinquedo de collaborações humoristicas ou na travessura de gracejo politico ou nas lutas acerbas e infinitas da imprensa, em escriptos perdidos ora aqui, ora ali, Manoel de Almeida foi sempre original e unico.

Se não ha nos seus trabalhos um estylista burilador de phrases primorosas, phrases que são lavores que recordam as obras de Benevenuto Cellini; se não ha nelles um colorido como o de Ticiano ha um—cunho— de simpleza despretentiosa, de atticismo limpido e mavioso que constitue, de modo especial, o typo de seu multiplice talento, sempre livre da bombasticidade retumbante dos desprovidos de imaginação e natureza.

Em um livro intimo que me recorda os dias da mocidade, — especie de sacrario que guardo religiosamente das vistas dos que não crêm na profundez da adoração, nem no infinito da bem-aventurança ; e que se ririam do culto da poesia e do amor com que ás vezes ainda povão a so-

lidão da minha vida de operario, constituindo-o por si só o affecto, o symbolo eterno e aurifulgente de minha alma impetuosa e sensivel, escreveu elle este idyllo suspiroso e apaixonado :

E S C U T A

Escrevo para ti pensando n'ella.
(DR. ERNESTO).

Escuta, virgem : tens um riso de anjo,
Que infunde n'alma singular quebranto ;
Bello qual sonho que na doce infancia
Nos roça a mente no dormir de rosas.

Escuta ainda : — teu olhar fagueiro,
Espelho ingenuo de tu'alma pura,
Semelha o lago que, tranquillo e manso,
Mostra no fundo as perolas lustrosas !

Mas eu não quero que me infunda; n'alma
Doce quebranto de teu riso d'anjo ;
Mas eu não quero que me dês fagueiro,
Volver donoso de teus lindos olhos.

Que se me déras um teu doce riso,
Que se me déras um olhar dos teus.
Podéra cégo, desvairado e louco,
Morrer do gozo de ventura tanta.

Tambem não quero aventurada rosa
 Que entre teus dedos, amorosa, afagas,
 Que descuidada, por teus labios passas,
 E que perfumas de teus doces beijos !

Quero sómente que uma vez na vida
 Degas meu nome ; — que me dês já murcha
 A triste flôr que desbotada arrancas
 De teus cabellos e que ao chão arrojas....

Quero sómente que por meu sepulchro
 Um dia passes; que meu nome leias....
 Que, — amou-me — digas ; isto só me basta
 Por premio caro de um amor tamanho.

Rio — 1851.

Neste periodo de imaginoso poetisar, que para mal de nós passou rapido, semelhante a rio em despenhada e impetuosa catadupa, produzio Manoel de Almeida cousas primorosas pelo acerto, pela graça, e pela brandura de sua desassombrada e placida fantasia.

Nas *Paginas menores* (do *Correio Mercantil* de 1854) titulo de mimosos folhetins em que collaboraram José de Alencar, Francisco Octaviano, Henrique Muzzio, o poeta Vassoureense (actual visconde de Araxá) escreveu Manoel de Almeida : *A phisiologia da voz.—O nome.* —

O rio. — As flores e os perfumes — As muletas de Xisto V.—Uma historia triste e duas poesias: — Notas sem écho e Amor de criança Desta ultima extrahi a seguinte estrophe :

« Aquelle amor foi a crença
 Mais doce da minha vida...
 Tive outras depois. .. Nenhuma
 Chorarei de ver perdida,
 Em quanto dure a lembrança
 D'aquelle amor de criança. »

Era assim delicado tudo quanto produzia aquella admiravel e querida intelligencia. Não a cegavam os arrebatamentos vulcanicos, naquelle desasizado atropello de imagens tetricas, assombrosas e terrificas de que revestem suas obras muitos dos nossos escriptores.

Sua musa casta e peregrina, se ás vezes se perdia nas neblinas transparentes de um segredo que mal ou pouco se comprehendia, era sempre vestida das alvas roupas das Vestaes com que outr'ora se alindavam as seductor as e opulentas musas de Bernardim Ribeiro e de Lamartine.

Mina de inesgotavel sensibilidade, thesouro inexhaurivel de um grande talento, jardim de eterna primavera, quanto não foi perdido no

mar—golphão de innumeras riquezas, de perolas e coraes que tambem foi o vasto cemiterio de Antonio Gonçalves Dias!

Assim como a andorinha é dos ares, assim tambem a alma de Almeida, chrysalida gentil, irmã dos anjos, não viera á terra senão para subir logo, radiosa e pura, aos pés do Creador.

Ao perpassarem por cima de sua existencia de homem, os annos não lhe deixavam na expressão do sentir o sabor amargo que nos surge involuntariamente á flôr dos labios, quando o odio de uns, a injustiça de outros e a inveja de muitos inverte todos os nossos actos, perturba os nossos prazeres, calumnia as nossas virtudes!...

Se no vigor do trabalho a penna adestrada do escriptor, resvalando do terreno da producção propria para o areal pallido e frio da critica, via-se, por instantes, no estilete da analyse, a sua palavra amena e distincta não vinha envolvida em mordacidade,—o mais das vezes fel de orgulho mal entendido, nem abrasada em crua limguagem,—vóz da guerra que muitos votam áquelle que militam fóra dos arraiaes de sua grei.

Em Manoel Antonio de Almeida, no mimoso folhetinista do *Mercantil*, no inspirado vidente do futuro, no cantor melancolico da poesia

enamorada, melhor do que em ninguem, se verificou aquella veridica sentença de Montaigne e Boufon :

— O estylo é o homem.

Para os que tiveram a fortuna de conhecê-lo, de ouvil-o e de ler as suas obras, baldadas com razão seriam estas linhas desordenadas, que apenas podem noticiar algumas singelas particularidades da sua juventude tão cheia de acerbas amarguras.

A posteridade, porém, que só pelos seus escriptos pode avaliar quanto a morte nos levou na victima illustre achará no que aponto succulento pasto para seus estudos.

Em folhetins, sob a rubrica *Revista Bibliographica*, publicou Manoel Antonio de Almeida os seguintes trabalhos: Dr. Mello Moraes e Ignacio Accioli — *Ensaio Corographic do Imperio do Brasil* (1); Lamartine — *Historia da Turquia* (2); Francisco Muniz Barreto — *Exercicios Poeticos* (3); Junqueira Freire — *Inspirações do Claustro* (4); Francisco Muniz Barreto e *Exercicios Poeticos* (5); Francisco Pi-

-
- (1) *Correio Mercantil* de 11 de dezembro de 1854.
 (2) " " de 1 de janeiro de 1855.
 (3) " " de 4 de junho de 1855.
 (4) " " de 18 junho de 1855.
 (5) " " de 2 de março de 1856.

nheiro Guimarães — *O Commendador* (romance) (6); L. A. Navarro de Andrade — *O Livro do Povo* (7).

Outras obras sahiram da sua penna, sempre disposta ás sympathias do progresso, á realisaçāo de todos os melhoramentos.

No intuito de auxiliar uma grande idéa, qual foi a de instituir-se uma escola de opera lyrica nacional, escreveu Manoel d'Almeida os *Dous amores*, libreto que tinha de motivar a musica da Senhora Condessa de Rozwadosky e que foi executada em 2 de dezembro de 1861.

Muitos escriptos de redacçāo, artigos de fundo do *Correio Mercantil*, cheios de eloquente convicção, em assumptos variados, multiplices e originados de momento, produzio a sua musa de rarissima fecundidade.

Como amostra do estylo singelamente elegante e despretenciosamente conceituoso de Manoel de Almeida, aqui reproduzo do primeiro folhetim da *Revista Bibliographica* alguns dos topicos em que elle reivindica para Christovão Colombo a gloria que lhe cabe no descobrimento do novo mundo, gloria que os autores do *Ensaio Corographico*, guiando- se pela opinião, desacompa-

(6) » » de 30 de Juuho de 1856.
 (7) » » de 7 de Outubro de 1853.

nhada de provas, do padre Vasconcellos, na sua chronica da Companhia de Jesus, pretenderam attribuir ao piloto Affonso Sanches :

« Colombo annuncioi o seu descobrimento como um propheta, prégou a verdade da sua prophecia como um fanatico, demonstrou-a como um sabio. Sacrificou tudo para vê-l-a realizada ; não quiz outro futuro senão o que esperava da immensidate até alli mysteriosa dos mares. Mendigou de porta em porta, de throno em throno, os meios de levar ao cabo a sua empreza, Conseguio-o afinal. Partio sem mudar de rumo.

« È alli » ; e para alli caminhou.

« Todos desanimaram, elle só era forte em sua crença. Pedio tantos dias, tantas horas mais, como se conhecesse a derrota que tantas vezes fizera em espirito. Dentro desse tempo o assombro teve lugar ; a idéa do louco, o sonho do visionario tomaram corpo ; esse corpo era um mundo.

• • • • • • • • • • •
 « Todo o mundo duvidava enquanto Colombo cria ; quando a verdade se tornou palpavel e o heroe recuou como assombrado da propria ventura, todos o acompanharam na duvida, de ante-mão desmentida !

• • • • • • • • • • •

« Factos como o do descobrimento do mundo que habitamos, passados com as circumstancias com que se passou, são os mananciaes onde o homem alimenta a sua crença no poder da intel- ligencia, tirando d'ahi mil deducções bene- ficas. »

A respeito de Junqueira Freire, distincto poeta que a falta de espaço matou nos rigores da monotona disciplina de um convento, olhando para identicos martyrios que bem mostram a falta de motivo para a continuaçao dos claustros, uma vez que se pôde ser livre ao ar livre, e caminhar em liberdade para a civilisaçao e para o céo, exclama Manoel de Almeida : « Servir á humani- nidade é a grande adoração á Providencia ! »

Absorvido no trabalho esterilisador da redac- ção de uma folha diaria, labor insano, suffo- cante e petrificador que no conhecimento das miserias da nossa sociedade, no improficio do- minio do orgão da razão e da justiça, achatando as faculdades intellectuaes, acaba por erigir, como symbolo, no altar da indifferença, o ser- viço do pão quotidiano, Manoel de Almeida vio passar, quasi inutilmente, os melhores annos da sua mocidade, deixando de elevar-se pelo talento, pela sensibilidade de sua alma, por seu atticismo, pelos dotes de prosador facil e elegante, ao domi- nio esplendente da immortalidade.

Um velho amigo, homem são, que se aponta como typo de probidade, o capitão Antonio Cesar Ramos, companheiro incansavel de fadigas, empregado no *Mercantil*, revendo-se nos bellos dotes de Almeida, animava-o, incitava-o até, para que escrevesse cousa de folego, que melhor servisse aos interesses de uma publicação que naquelle tempo se tornou celebre e temida pela pontualidade, pela critica pungente, pelo vigor e pelo espirito energico de muitos dos seus artigos—*A pacotilha*.

Foi neste periodo, na época acesa das paixões dos partidos que Manoel de Almeida se dispôz, sem pretenções, sem cuidar de glorias nem de titulos nobiliarios de talento, a escrever as *Memorias de um Sargento de Milicias*.

Praticando de coisas diversas com amigos, ou companheiros de casa, escreveu elle na cópa do chapéo, e á ultima hora, muitos dos mais espirituosos capitulos desta narrativa que ao principio, por ser ignorada a sua origem, era attribuida a gente de outro tempo, conhecedora das cousas que haviam descido, no vertiginoso correr dos annos, á escura noite da nossa existencia colonial.

Nos primeiros traços de tão bem planejado painel, na pureza do desenho daquelles caracteres, typos levantados do sudario dos tumu.

los que o empoeirado véo do passado escondia desta geração presente, o perfil da feição, o pannejado da veste, o movimento, e o olhar, que se reproduziam em linhas incisivas, energicas e magistraes, revelavam mão de artista já adestrada por exercicio de elevados commettimentos.

Para os que esguardam na fachada do templo a harmonia das linhas, a singeleza do lavor e a conveniencia da eurythmia— a simpleza da concepção patenteia-lhes de certo o talento e o saber da cabeça que projectou o monumento, antes mesmo de haverem penetrado no perystilo do portico ou de se extasiarem diante do grandioso da abobada que corôa a nave colossal do edificio.

Leonardo Pataca, Vidigal, o Compadre e a Visinha são personagens que à primeira apresentação surgem authenticas, caracterisadas, escorreitas e completas, cheias de movimento, de energia e de accão...

O Sr. Guilherme Bellegarde, distinctissimo cavalheiro, que à nobreza do talento une a figura da mais gentil educação, e à cuja bondade sempre affectuosa devo, entre muitas attenções, o extremado favor de grande cópia das indicações que ahi ficam, publicando ha pouco tempo no *Globo* uma valiosa opinião ácerca do apparecimento do *Sello da Roda*, disse :

« E o pensamento se nos volve, por associação de idéas, para o romance nacional *Memorias de um Sargento de Milicias*.

« Escreveu-o Manoel Antonio de Almeida, aos vinte annos de idade.

« Formosa estréa !

« Esplendido alvorecer do talento, que tão cedo e cruelmente a morte nos roubou !

« Que eminentes dotes de espirito desde logo revelou o juvenil escriptor !

E como de prompto se acentuou o seu talento de romancista !

« Que reproduccão magistral dos caracteres do major Vidigal, de Luizinha, de Maria Regalada e de Leonardo Pataca ! — E o mestre de réza ? E a comadre ?

« Com que verdade de observação e atticismo de expressão se descrevem o *Pateo dos bichos*, o *Domingo do Espírito Santo*, o *Fôgo no Campo* e outras scenas da vida fluminense nos bons tempos de nossos avós, os quaes, seja dito á puridade, não eram chimpazes nem gorilhos. (*Shocking!*)

« Inegavelmente, no romance de costumes nenhum dos escriptores contemporaneos o excede.

« Ha, sem duvida, certa côr local nos tra-

búlbos de Macedo ; nos de José de Alencar irradiações de um alto engenho ; nos de Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Salvador de Mendonça e Alfredo Taunay dotes altamente apreciaveis ; mas, no romance de costumes propriamente, M. de Almeida é ainda o—*primus inter pares*.

« Desventurado Almeida !

« Lutou muito, e, quando entrevia no horizonte a estrella polar da esperança, cahio sem poder, ao menos, no momento de exhalar o ultimo alento, reclinar sobre peito amigo a fronte em que Deus accendera o facho do talento !

« De sua suprema agonia foram apenas testemunhas o firmamento e o oceano!»

A litteratura moderna, libertando o talento do limitado terreno em que se prenderam outr'ora escriptores de subido quilate, rasgou novos horizontes ás narrativas e lendas historicas que a moda ou antes o espirito deste tempo, que nada tem das épocas esplendididas do romantismo, appellida — romance.

Nas *Memorias de um Sargen'o de Milicias*, que hoje voltam à luz da imprensa, como um monumento levantado á memoria do seu autor, sentinella posta ao pé do altar da patria, para que alli não chegue o esquecimento da noite dos tempos ; nesse livrinho de poucas paginas em que

o talento de Manoel Antonio de Almeida apenas de leve se estampou, não se pense encontrar uma daquellas producções sublimes que fazem o orgulho de um povo ou a gloria da humanidade.

Apezar das magnificencias palpitan tes de uma vida que se retrata, se traduz e se concebe em cada personagem, não ha alli a magestade olympica dos baixos relevos de Phydias nem o assombroso da concepção vulcanica que immortalisou o painel do *Juizo final*.

Nas suas folhas, que o mais exigente ha de lêr com satisfação, não irá por certo nenhum velho Miguel Angelo apalpar as fórmas, que a exhausta vista daquelle grande homem já não podia descobrir no famoso tronco do Belvedere.

Não ! nas despretenciosas paginas de Almeida, escriptas ao correr da penna, quasi sempre esperadas á ultima hora pelo compositor da folha, não ha o arroubo das visões asceticas de Raphael no quadro da transfiguração ou na disputa do Sacramento.

Ali não se encontrarão de certo as bellezas, ás vezes maliciosas, de Eugenio Sue, ou os naturalissimos entrechos da robusta concepção de Alexandre Dumas. As visões de Victor Hugo, a elevação da linguagem de Alexandre Herculano, a esplendida e opulenta phrase de Castilho, ou o abrazileirado de José de Alencar e

de outros de nossos escriptores, não os busquem nessas paginas singelas e naturaes ; o que porém sempre se ha de vêr nas *Memorias*, delicada exposição da vida real dos nossos antepassados, é uma cousa inflexivel, unica, só e verdadeiramente original : — E' o talento, a alma, a rara delicadeza, o caracter e o coração de *Maneco Almeida*, sempre bom, generoso, complacente, brando e amigo.

Composições litterarias de magnitude athletica não as improvisam de momento, nem mesmo as organisações herculeas que parecem predestinadas a engrandecer o mundo, como Bartholomeu Dias e Vasco da Gama ; a elevar a humanidade como Dante, Kepler e Camões, ou como Donizetti e Cherubini.

O trabalho do homem traz comsigo o cunho da sua origem fragil e peccaminosa. A perfeição, que é o supremo empenho da humanidade, não é partilha da creatura.

Fazer alguma cousa de bom na fervida omnipotencia da poesia ; devassar os largos horizontes do mundo ideal nos mysticos enlevos que embriagam os sentidos ; penetrar no ámagos das angustias tradicionaes de uma geração e desprender do passado uma das tremendas questões da tragedia humana, para, discutindo-a, analysal-a e corrigil-a, transformando-a, do que já

foi em uma questão da actualidade, nova e de interesse commun. é por certo igual, se não sobreexcede, ao trabalho do zeloso agricultor que da terra já cançada de muito produzir faz ainda brotar os fructos da luxuriante natureza, em vergel de assucenas e jasmins.

O romancista, como o historiador, embora cada um por seu modo, escavando os tumulos das gerações que jazem nos cemiterios dos seculos que nos precederam, como jazem Pompeia e Herculano nas cinzas do Vesuvio, toma o resto daquelles esqueletos que apodreciam na algidez da campa; reveste-os das suas mais bellas fórmas, das mais graciosas roupas do seu tempo; anima-os de um novo fogo, de uma nova vida; mostra-os ao sol da geração que existe, para apresentar-lhe nas côres da realidade e na harmoniosa combinação do entrecho, a acção de um drama tumultuoso, cruel e sanguinolento que então se abrillhantava no viver daquelle povo ido ou a recordação saudosa, delicada e serena de uma esperança de amor

Na caligem pavorosa dos sepulchros, o talento dop oeta derrama da sua imaginação scentelhas que alumiam com limpida e estranha claridade o typo, a feição, o olhar, o gesto, a palavra, a voz, os suspiros, as lagrimas; todos os sentimentos nobres, todas as miserias, todas as crenças

e illusões ; os gosos e os appetites ; o nada e a vida dos que foram antes d'elle, para, tomado essas mumias, electrisadas pela vontade poderosa do seu genio, trazel-as, em peregrina romagem, como personagens vivas, ao seio da moderna sociedade.

As memorias de um Sargento de Milicias, desenhando com exacta semelhança os usos e gostos, as virtudes e vicios de uma época, o caracter moral dos seus homens mais salientes, retractam no *Major Vidigal*, não só um typo perfeito, completo da autoridade, guarda do socego, da ordem e da moralidade popular, mas tambem as demasias prepotentes e absolutas do despotismo que assim se ramificava e destendia desde o rei até o ultimo dos janisaros do governo dos favoritos ou do alcaide policial ! ...

Dos personagens que assim se vão erigindo, submettidos ao ponto de vista da analyse de certos elementos symbolicos de uma éra que inteira se esvairia como fumo, se não fôra a magica percepção, a força e o valor do genio do poeta que transformam nos commentários da novella a energia da accão material e intellec-tual desses heroes do vulgacho ou mesmo da alta sociedade, resalta, como figura salientissima, cheia do elemento ponderoso da oportunidade no romance de costumes populares, e cheia da

cor local, do ambiente que respira, da face das ideias que representa, a sympathica e interessante *Vidinha*, composto de volupia e requebros graciosos, a que talvez se possa dar o epitheto de dengues e medeixes.

Estas criaturas especiaes como *Vidinha*, que são as companheiras do erro, e que pertencem a todos as situações, a todos os vaivens do mundo e do povo, estão ali substanciadas pela arte com o cunho da verosimilhança, isentas dos accidentes infelizes do acaso, que enfeiam o mundo real.

Quem, por mais rapido que passasse na existencia fugaz da mocidade, não terá encontrado, aqui ou alli, uma dessas criaturas as vezes semi-serias, ás vezes afiguradas, entre a sensualidade e a volupia, a despenhar-se no abysmo das paixões mundanas, e não terá parado cheio de commoção, diante da graça e da belleza de tal criatura prestes a afundar-se no desvairamento do goso da perdição ?

Tudo passa sobre a terra, se confunde e se perverte no turbilhão vulcanico dos seculos que abala, derroca e transforma a propria natureza.

Identico ao retrato de *Vidinha* ha desde o principio das *Memorias* o perfil completo da famosa *Vizinha*, transumpto de verdade, these sustentada na reflexão de seus juizos, nas obser-

vações eloquentes da mordacidade feminina que é um caracteristico da fraqueza da mulher, desejo, prurido infatigavel de pôr no soalheiro da critica, da maledicencia, a reputação, os creditos, os actos, tudo emfim dos desgraçados que tem a sem ventura de serem conhecidos desses infatigaveis instrumentos da incoherencia moral da humanidade.

Os interesses mesquinhos do momento, os vicios da ignorancia, os preconceitos do fanatismo, a satisfação da intriga que desanda em matinada de fervoroso escandalo, é a maior satisfação da *visinha* de todas as cidades, de todas as aldeias, que se erige em censor virulento e mordaz da reputação da esposa ou do cidadão que o acaso collocou ao alcance das vistas da sua paixão demolidora.

O personalismo dos bohemios, verdadeiros reptis que como o aspide se escondem entre flores para melhor morderem a mão do incauto e irreflectido amador ; a hypocrisia do mestre da reza, tartufo de casaca que na intriga melifluia de uma desprestenciosa amizade, que redunda em especulativa velhacaria, e entra de rastos no seio da familia, sob a capa das mais honestas intenções, tanto no segredo da confissão, nas palavras sacrosantas do evangelho, como na revelação simulada de uma indiscrição que não

se pode conter, estão bem traçados em côres proprias; e bem se encontram hoje em mais de um individuo de semelhante officio.

Se o *Leonardo Pataca* não fosse uma creação do genio inventivo de Manoel d'Almeida, dir-se-hia que no claro-escuro do desenho d'aquelle physionomia apavonada ia a reminiscencia de um desses personagens que os rapazes celebram com as apupadas da rua e a invectiva da alcunha, quasi sempre justificada no decomposto do vulto ou no feio da alma.

O toma largura, sem merecer realmente o nome de importante figura, nem tomar parte de valor na narrativa das *M morias*, satisfaz perfeitamente a conveniencia historica de deixal-o exposto na tela do painel, antes que se acabe de todo essa creação meio caricata dos tempos do reino unido, e que chegou ainda ao imperio.

Sem apontar aqui, como em calendario, quantas personagens tecem, entrelaçam e apuram o entrêcho, a accão comica da romanesca comedia, mal se pode esquecer aquelle *José Manoel*, famigerada chronica viva de escandalos; creatura *commum* e trivial da nossa sociedade; tortulho da degradação organica em que ás vezes agonisa e se debate o moral da creatura, e que entretanto logra pela corrupção dos sentimentos, pela

torpeza de imperturbavel cynismo, tudo aquillo a que aspira e que pode imaginar.

As *Memorias de um Sargento de Milicias* é uma pagina eloquente da nossa vida democratica de outros tempos com seus vicios e descuidos; a gente era bôa, ainda que perdida pela falta do amor do trabalho; aqueles patriotas não pensavam se tinham vindo a este mundo para outra cousa que não fosse a indolencia e o voluptuoso descançar da sua poesia suspirosa.

O materialismo dos interesses pecuniarios que, na influencia das posições ambiciosas, conserva o espirito do homem attento ao lucro do trabalho que busca acumular, não prende, não captiva nem desvaira a mór parte do elemento social que se chama - povo. O goso da cantiga, animada por inspirado desafio; o psalmear melancolico da *modinha* ou a irresistivel travessura do malicioso *lundu*, que, por mal de peccados da nossa poesia popular, já por ahí vai perdido, sem fóros de cidade e afogado na bastarda invasão das musicas grotescas e ás vezes semi-cynicas dos immoralissimos *cafés cantantes*, são para o povo nacional tudo quanto lhe basta nas pobres mas regaladas brincadeiras do primoroso *fado*.

As tradições de um povo são as recordações saudosas de um passado que não se quer, nem

se deve ver perdido e olvidado da veneração sincera dos vindouros, porque essas tradições são, naturalmente, o orgulho de se haver nascido e educado nas generosas idéas de tempos valerosos como foram os que nos precederam, purificados pela communhão dos principios que se alimentaram no fogo sagrado do patriotismo, quando mais se queria salvar das atrocidades da metropole o natural direito do dominio politico da propria nacionalidade.

N'uma quadra de aberrações e absurdos inesparados, onde só é superior o materialismo do numerario, e onde as idéas do futuro só podem ocupar os animos dos que pensam além da linha divisoria do presente, que separa o dia de hoje do de amanhã, destacando, como cousa diferente, a banca do rebatedor do templo da virtude, as matinadas do charlatanismo, do amor da patria revelado pela instrucción das classes operarias, pelo desinteresse, pela abnegação, nada ha que esperar de bom para as almas abatidas, senão recordar, ao menos pelas tradições reveladas nas lendas do romance o que foram, o que eram e até pela logica o que teriam sido os nossos antepassados, se por ventura, vivendo hoje, podessem, como nós, empunhar a espada da civilisação, e discutir os actos do povo e do rei.

A nossa litteratura amena, embora de quando

em quando apresente um ou outro fructo sazonado e doce, como ha pouco o *Cabeleira* do Dr. Franklin Tavora, famosa lenda do Norte, onde ha muito que ver, estudando-se com detida atençao o thema, a linguagem e a missão moral do nobre fim a que se propoz o talentoso escriptor; e a bella e aprimorada versão do ideal *Jocelyn*, que pelo labôr do Dr João Cardoso de Menezes e Souza, se constituiu para a nossa litteratura, uma joia de subidos quilates; trabalho de lavor ingente, digno dos aplausos sinceros da posteridede, que não se confundirão, de certo, com essas phrazes de encommenda que diariamente e em repugnantes louvaminhas repetem de uns para os outros, os membros da monita secreta do elogio mutuo,—não progridirá, não formará escola, não estabelecerá feição peculiar nem se classificará em modelo conforme as verdadeiras regras da arte, enquanto a idéa andar afastada da forma, isolada do fundo moral da sua missão perante a humanidade ou perante a sociedade, sem a qual não se comprehende nenhuma obra d'arte.

Não é um divorcio, uma separação acintosa das phrazes puras, cuidadosamente lavradas, cheias da encantada e melodiosa euphonía especial e intrínseca do genio do nosso idioma, o que se deve cuidar. O ouro não envelhece nem deixa de ter o peculiar valôr da sua natureza metalica, só

porque foi manipulado por um determinado artista que não soube tirar d'elle todo o proveito, ou porque se tornou propriedade de um certo individuo.

O sol por mais que as nuvens busquem escurecel-o por camadas espessas de vapor condensado, é sempre o maior esplendor do mundo ; e sua luz e seu calor são o alento e a vida da creatura.

É um facto de incontestavel intuição que na vida das linguas não ha barreiras nem muralhas que as detenham ou que lhes prendam os vôos. A phraseologia de um povo que caminha livremente na conquista das sciencias e das artes, não se paralysa nem morre. A innovação das palavras porém, não é senão a consequencia da natural exigencia da novidade de um sentir extranho que, nos termos conhecidos, não achava o meio facil de manifestar-se perante a percepção da intelligencia alheia, e não um prurido de neologismos, e de locuções barbaras.

A necessidade da moeda ou meio arculante n'uma praça, que tem de haver-se a braços com as exigencias da permuta, está na proporção directa da vida do commercio no seu movimento mercantil.

O que ha de constituir um cunho de especiali-

dade na litteratura brazileira, mesmo escripta na bella phrase portugueza de Castilho e de Latino Coelho, é o modo particular de sentir do povo, estranho à vida lusitana, assaz differente da sua propria vida.

O que lhe ha de dar um timbre, um modelado de feição, um sainete determinado, positivo e tambem idéal, é o céo, o sol e as estrellas da sua região; são os campos e as flôres; o murmurio saudoso dos rios e o estrondoso baque das cascatas; o gemer dos jequitibás e das garaúnas alpestres; o canto mavioso e sonóro do sabiá; as estridulas notas da araponga solitaria; o bello da natureza em toda sua magnitude gigante, em sua micante primavera.

O que Deus concedeo a este solo todo especial, unico, grande, altivo e monumental, que a todos assombra, que abraza a mais calma imaginação em lavas de fogosa e electrica vitalidade, não pôde nem ha-de ser descripto ao gosto e sabor litterario, embora altiloquo, que mesmo Deus concedeo áquelles que tinham de dizer e sentir cousas diversas, e prescrutar outros mysterios da Providencia

Sei bem que nenhuma propaganda ou catéchese poderá, por violencia, levar o povo para esta reforma.

Ella ha de surgir espontanea, inesperada,

como surgem os cataclysmas e as transformações da natureza. Colombo, descobrindo um novo mundo, S. João divisando a cidade santa, são os sublimes instrumentos da revelação divina.

O messias desta religião apparecerá; e a escola, surgindo da nossa existencia litteraria, como a borboleta surge da larva, cheia de nova vida, não ha de vir desvairada do excentrico fanatismo dos que querem adoptar o idioma selvagem dos indigenas, ou como pretendem outros, dos archaismos vascongados das primeiras épocas portuguezas.

O trato elevado das musas, que a antiguidade representou castas para que fossem puras, tem de brotar, para nós, da vida intima da familia brasileira, dos acontecimentos notaveis e expressos da nossa florescente nacionalidade, quando o predominio dos direitos e faculdades naturaes e moraes do povo, tiver acção propria e não fôr um mytho, um fragil automato que o governo esmaga ao aceno do primeiro devaneio de um ministro estólido que a cabala ou a corrupção atirou inopinadamente, do chão da nullidáde, para a purpura dos degráos da realeza.

Dante, Milton e Camões não foram a expressão de um rei soprando-lhes o alento da sua politica vontade. O genio do poeta e do artista não nasce, não cresce, não se transporta ás altas regiões do

espirito, pelas vaidades de um governo que quer ser grande ou busca immortalisar-se á custa das organisações de fogo que se devoram e se aniquilam nas chammas da sua propria e divinal essencia.

As magnas convulsões sociaes, a desgraça de um povo, a quēda heroica de uma nacionalidade, a irradiação de um odio de familia fazem e podem mais do que a autoridade dos ministros e os grandes poderios da riqueza do thesouro.

Quando um rei ou um ministro, cumprindo o seu dever, distingue ou eleva por um titulo, ou por uma condecoração um homem de talento, colhe disso mais importancia e mais proventos do que o proprio agraciado.

Para mostrar ao mundo ou antes para simular que appreciam e entendem o que sahio d'aquelle cerebros de homericos produzir, immerecidamente adquirem á custa das obras desses genios immortaes uma gloria ou um renome que não tinham, nem de outro modo poderiam alcançar.

Manoel Antonio de Almeida sem se aproximar das aberrações ou afinidades de nenhuma escola de romancistas, sem imitar sequer os exemplos dos bons autores que deixaram á nossa contemplação os seus famosos modelos de litteratura amena, escreveo as *Memorias de um Sargento de Milicias* que ahi ficam para as letras e para

a patria, como ficaram para a França e para a arte os baixos relevos de João Goujon — fundando, em rasgos do seu espirito, uma escola que se estabelece na delicadeza do sentimento, na sobriedade da palavra, na singeleza do fallar, no natural do assumpto, nas peripecias da acção, na propriedade do genero ; e que assim produz ao clarão do nosso tempo uma obra que, ainda quando vista pelos olhos prescritadores dos criticos habituados à contemplação das bellezas que emanam da faina intellectual das musas européas, nada perderá dos seus meritos, do seu valor e das brilhantes gemmas do aurifulgente diadema do seu grandissimo talento.

É originalissima a scena dos dois padres, o italiano capuchinho e o mestre de ceremonias, ambos prègando no mesmo pulpito, e procurando arrebatar nas azas de sua eloquencia o religioso auditorio. Por sua naturalidade comica poderia ocupar distincto logar nas novellas hespanholas e italianas, que primam pelo espirito e graciosa novidade.

Dotado de um bom senso litterario que bem cedo se revelou, foram seus modelos a observação dos homens e o estudo da natureza, sem os tentadores desvarios que as tempestades do coração n'um momento de desconfiança, inoculam nas caprichosas concepções da mocidade.

Ao encontrar-o todo absorvido na contemplação philosophica de um typo, de uma circunstancia fortuita ou de um magno interesse publico, quantas vezes se cuidava vel-o n'um torpor melancolico de abstracta e stoica indifferença! O certo porém é que sua alma nobre e digna attentamente perscrutava o segredo, a delicadeza de uma narrativa, o mimo de uma poesia toda cheia de ineffaveis e bonissimos effluvios.

Entretanto, cumpre confessal-o, Manoel Antonio d'Almeida, novo Walter Scott, não deixou de si, para além do tumulo, um trabalho condigno, igual ou que pelo menos daguerreotypasse, de modo determinado e justo, a sua muita intelligencia e facilima comprehensão.

O que aqui fica reunido e o que por muito ignorar-se, deixo até de indicar, é pomifero cabedal para as letras patrias ; collocado porém, ao lado da incommensuravel intuição do bello que lhe habitava a fronte, ou comparado com a inspirada penetração da fertil e intensa faculdade do seu espirito, tudo é pouco...ou nada.

Só quem o conheceu, ou antes quem conviveu com elle no remanso da fraternidade e o vio desataviado das regras disciplinares da modestia, da severa circumspecção do homem publico e o contemplou, na nudez da sua inteira capacidade pôde compenetrar-se do robusto poder daquelle amplissimo talento.

No seu cerebro, apparentemente calmo, parece que refervia o fogo de uma nova musa ; e melhor talvez que André Chenier podéra exclamar : *Et pourtant j'avais quelque chose la.*

Se este mundo não é alguma cousa mais do que o presumem os positivistas do seculo, como é que a materia pôde elevar-se até ás regiões espaçosas dessa beatitude seraphica onde se encontram os affectos desinteressados e harmoniosos de um especialissimo sentir da vida moral, que não se tocam com a rigidez da mão, mas que se apalpam dentro da nossa propria organisação intima, recondita e mysteriosa ? !

Se, como asseguram os blasphemos fanfarrões de espirito forte, é proscripta toda intervenção do mundo espiritual; se tudo está no calor e na humidade ; se o mundo moral, subordinando a ordem material, é apenas uma consequencia da vida physica, como é que Manoel de Almeida pôde afastar-se dos espiritos vulgares, florescer ao som do cantico melodioso das suas proprias harmonias, elevadas na confiança auspíciosa do futuro e crear, por si só, um modo de sentir superior que nada teve de commum com as paixões da turba, porque foi puro, harmonioso e ethereo ?

Como se comprehende a coordenação philosophica da suprema cabeça de Aristoteles, a superioridade ascetica de Socrates, os extasis de

Platão, o elevado perscrutar de Galileo, a dedicação scientifica de Newton e de Lavoisier, a concentração de S. Jeronymo e de Santa Thérèza de Jesus ?

Que será tudo isto, se o homem, contra a affirmativa dos mais distintos e assombrosos talentos desde a vetusta Grecia até os desvarios da moderna Athenas, não é mais do que materia bruta, animalidade de gozo, sendo cousa inutil, vã e até pueril a poderosa voz da consciencia ?

Que erro original é o espiritualismo que vai assim passando de geração em geração, sempre repercutindo no animo dos mais illustres, sempre fulgurante de eloquencia e a passar de cerebro para cerebro, de epoca para epoca e sempre arraigado ás doces emanacões do calmo raciocinio dos mais sabios, dos mais profundos e dos mais conspicuos apostolos da philosophia ?

Que força positiva é esta que não podemos distinguir ou determinar materialmente, mas da qual sentimos em nosso ser inteiro, nas potencias da nossa alma, as manifestações da sua actividade, reproduzida em milhares de pheno nenos da vida intellectual ?

Como se pôde negar a espontaneidade innata da imaginação, a vida propria desse sonhar acordado do espirito em que o homem vive n'um mundo, privativo das faculdades do entendimento ?

mento, e que é uma especie de elo entre o mundo phisico e o mundo moral ?

Nas condições ordinarias da existencia material o que é o bello ideal ? Que é o sentimento do harmonia, o conhecimento ante-criado da *forma* e esse ver peculiar da alma em um outro mundo ?

Quem não sente a força da vontade e da resolução actuando dentro em si, modificando, em sentido contrario da inspiração ou do gosto, um sentimento, um desejo, uma paixão; e isto sómente sob o impulso da razão e da virtude, filhas dilectas e abternas do espirito?...

Oh! não... Manoel d'Almeida não era, não podia ser só um pouco de terra grosseira, animada apenas pelo calor da vida da creatura... Seu bello espirito era tudo ; e sua alma como a luz, como o som, como o perfume, era o effeito, a essencia e os fins do seu proprio ser. Da sua cabeça olympica, nos arrojos de sua imaginação, surgiu armada de ponto em branco muita Minerva illustre ; e, melhor do que aquella poetica ficção do paganismo, não precisava, para dar vida e fulgor ás suas obras, roubar como o Prometheo, o fogo sagrado dos Deoses.

O Sr. Dr. José Maria Velho da Silva, varão illustre e entendido em letras, pelo saber e pelo culto das musas, escriptor opulento que nestes

tempos de desmantelamento litterario, no castigado da phrase portugueza, nos luzitanismos de linguagem com que busca restaurar o vernaculo dizer da nossa locução, semelha o velho guarda dos antigos solares, fiel mordomo da riqueza do morgado que, recebendo-o abastado dos seus passados, intacto ha de entregal-o aos futuros herdeiros que melhor uso farão d'aquelle vinculos do que os descuidados ou já perdidos donos da herança, na sua *Gabriella*, opiparo banquete offertado ao alimento das letras nacionaes, justifica nos typos de Maria das Dôres, Anna dos Milagres, José Ignacio Capacho e Marquez do Lavradio o grande tino de Manoel d'Almeida, e a sua proeminente vocação de novellista.

As impressões inquietas do coração prosaico e mundano dos homens do positivismo, dos cantôres da materia, que só no sensualismo animal acham o prazer da sua sensibilidade, são de certo cousa assaz diferente de tudo quanto nascia, vivia e se educava naquelle vergel de romantica poesia.

O influxo magnetico da sua palavra existia tambem na sua penna.—Tudo o que produzia vinha animado do calor d'aquelle sol, bafejado das brisas d'aquelle céo, matizado das côres iriantes d'aquelle fulgida manhã.

Aos vinte annos de idade, e mesmo antes, como Praxagoras, já o seu nome era apontado como o

de um rico trabalhador, que muito de seu tinha que deixar à patria, no copioso testamento de sua lyra afinada.

No sacerdocio das letras, Manoel de Almeida não seria como o heremita que passa obscuro, esquecido na lapa da encosta do deserto, embora embebido nas orações e attento ao fogo sagrado da ara que lhe absorve a vida. A chamma interna que lhe ardia na immensa fronte, ser-lhe-hia pharol para conduzil-o à cadeira de pontifice das letras. Era grande, ingente, incommensuravel aquella ridente, fertil e opulenta phantasia. A morte, porém, sorprehendeu o caminheiro no começo da estrada, quando melhor se lhe afiguravam a sorrir os dias de um futuro com que sonhou até nas ingenuas aspirações da meninice. Não obstante ser principe, como Celeo, ninguem foi como elle tão simples e modesto. A sua viagem a Campos, no intuito de alcançar uma cadeira de deputado, não era uma ambição de vaidade ou de orgulho; era mais um esforço empregado contra os infortunios que lhe embargavam o passo tantas vezes encetado; era uma cruzada de resgate que devia abrir-lhe as portas de um dominio novo, mas de asperrima contenda e doloroso affan.

Tudo nelle era fé. Ressuscitavam-lhe as crenças que o pezo do infortunio lhe esmagára

ao despontar da vida, na perda de seu Pai, pobre militar, infortunio mais tarde recrudescido na ida de sua mãe para o Céo; e entretanto no meio desses desejos que lhe pareciam realizados, ante-
vio os acontecimentos da sua morte.

Ao apertar-me a mão, por occasião de se despedir de mim para essa fatal viagem, unindo o seu coração áquelle que lhe fôra sempre amigo conservando-lhe pura a estima, que na infancia lhe tributára, seu animo vacillou !

Em seus olhos, onde a serena cor da esperança lhe adoçava a languida expressão, mais de uma lagrima veio revelar quanto guardava elle no seo peito amigc.

E eu censurava-lhe o desanimo! Fallava-lhe do que podia obter nas lutas que o esperavam; da gloria que lhe despontava plena de triunfos, carregada de aplausos e de immarcescíveis louros.

—E' a primeira vez que embarco, me dizia elle, mas..., parece-me que será a ultima ! A meu despeito... sinto que alguma cousa de atroz me tira o animo e me desperta desordenadas e incoerentes idéas Se sou infeliz não sei... persegue-me porém um poder occulto, uma força estranha que desfolha sempre as rosas mais gentis de minha vida .

Não se enganava! A voz que lhe brotava d'alma era como a visão inspirada dos profetas, noticiando os acontecimentos do porvir.

Na sua partida, fechando os olhos a quanto via ao derredor de si, e só pensando nas irmãs que eram o continuo objecto de suas cogitações, parecia a vítima resignada que, sorrindo, caminha para o poste do sacrifício!

Era magnanimo aquelle coração! Alma nobre e digna, como era digna de todas as venturas sua incontestavel intelligencia, seu recto espirito, seu incorruptivel caracter, não teve infelizmente na terra o premio de sua grandeza iminaculada.

Ha uma phrase de Theophilo Gautier, a respeito de Gerard de Nerval, que parece ter sido inspirada pela contemplação da vida moral e affectuosa de Manoel Antonio d'Almeida.

« Il n'a causé d'autre chagrin a ses amis que celui de sa mort. »

O capitolio onde devia corôar-se de louros e de rosas o sympathico tribuno que a voz erguera em nome da liberdade, não lhe abriu as portas. Em seu lugar o oceano rasgou para elle os seios, lugubre sanctuario, sagrado sepulchro; e as branqueadas espumas das ondas que espaldavam nas amuradas do «Hermes» foram-lhe o gelido sudario.

O que ali se passou, as amarguras que soffreu seu espirito conturbado, as lagrimas que elle verteo, a rapida oração que sua alma crente dirigio a Deos na dolorosa e extrema agonia, só Deus sabe quanto amor continham.

• • • • •
Terrivel desenlace.

Sua morte foi considerada uma calamidade ! Mais de uns olhos formosos, desses que ao vê-lo se enlangueciam de ternura pelo poeta que despertava affectos, e gerava sonhos côr de rosa nas phantasias sensiveis, derramaram sentido pranto.

Toda a imprensa entoou o seu hymno de saudades pelo poeta morto. Os amigos curvaram-se esmagados ao pezo da desgraça que lhes comprimia os pulmões e o cerebro : não houve em sua terra uma só face sobre a qual sua morte não estendesse ltuosa tristeza em que todos liam a dôr que cada um sentia.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, um dos primeiros arautos do romance brazileiro, e que tambem o estimava, escreveo..... « Sinistras conjecturas apertam o coração. Falla-se de um jovem cheio de merecimentos, lidador indefeso contra o infortunio, arrimo de duas irmãs queridas.»

Outro Zeuxes da imprensa fluminense, com-

panheiro de fadigas jornalisticas, como já antes fôra companheiro de estudos e d'aquelle balouçar de gracejos escolasticos, João Carlos de Souza Ferreira, distincto folhetinista que por ahi tem derramado em mimosas paginas judiciosos conceitos, engrandecidos de primoroso lavor, cheio de magoa, que bem perto lhe tocava aquella dôr, disse :

«....não, não posso acreditar ! quero ver o corpo immovel, a face pallida, os olhos fechados, o coração parado. Não se pode morrer assim, meu Deus !

« Aquella alma boa e generosa não podia partir-se deste mundo sem despedir-se dos que tanto o amavam; aquella intelligencia não podia apagar-se sem um lampejo grande que deslumbrasse; aquelle irmão, tão cheio de extremos, não abandonou na estrada da vida duas fracas peregrinas que se apoiavam em seu braço ! »

Era geral e angustiosa a magoa que de todos se revelava no extremo adeos da morte. Muito coração se amortalhou n'um véo de incognita concentração; sua perda não passou deslembbrada ou envolvida no turbilhão vertiginoso dos acontecimentos do dia.

Seu nome ainda se repete, como nas lutas trucidantes da religião, nas eras primitivas, se repetia o nome dos crentes que tranquillos morriam

levantando os olhos para o céo n'uma oração de fé nas lutas do martyrio.

No *Diario do Rio*, um amigo, commentando os acontecimentos da semana, assim se manifestava:

« Cada familia que alli perdeu um membro chora hoje esse infortunio sem remedio. A dôr da litteratura é das mais intensas e das mais legítimas; tambem a familia dos escriptores perdeu ali um de seus filhos que maior honra e mais firmes esperanças lhe dava.

« Morreu alli um grande talento, um grande caracter e um grande coração.

« No vigor dos annos, amado por todos, por todos festejado, alma nobre, espirito recto, abrindo o coração a todas as esperanças, cahio para sempre, terminando por um naufragio a vida que não se embalava nos braços da fortuna.

« É essa a triste symetria da fatalidade!

« Pode-se affirmar que não deixou uma desafeição e muito menos um odio.

« Os mais indiferentes sentiram essa perda que, affectando o paiz em geral, feriu particularmente o coração de seus numerosos amigos.

« Pertencia a essa mocidade ardente e cheia de fé, que põe olhos de esperança no futuro, e aspira a contribuir como seu valioso contingente para o engrandecimento da patria.

« O que pela sua parte podia dar era muito
O seu talento, aferido por um cunho superior,
era de alcance grande e seguro ; o seu espirito
era observador, os seus escriptos estão cheios das
melhores qualidades de um escriptor formado.

« Perdeu a patria um dos seus lutadores ; os
amigos, o melhor dos amigos ; a familia — duas
irmãs apenas — um braço que as sustinha, e um
coração que as amava.

« Para que escrever-lhe o nome ? Todos hão
de saber de quem fallo. O seu nome tem sido
lembrado com muita dôr, por quantos se tem
occupado com esse terrivel desastre.

« Eu era seu amigo em vida, na sua morte
dou-lhe uma lagrima sentida e sincera. »

Não se esquecerá jamais seu bello nome. E' certo que a memoria dos que conheceram Manoel Antonio d'Almeida ha de descer á eterna morada da elysia leuce ; e para sempre esquecidos muitos dos que o amavam, tem já cahido um à um, no chão da morte sem perpetuar seu nome : mas, a eternisar aquelle missionario sublime das letras e da liberdade, sobranceiro ao pô do tempo, á queda dos monumentos, ás ruinas do bronze e do granito, ahi fica em paginas que se hão de repetir, espalhar e lêr nas noites calmosas do estio ou nas noites humidas do inverno, no lar do pobre ou no serão distincto da fa-

milia entre risos e commentos maliciosos, quanto aquella famosa intelligencia nos deixou ; e ahi então no coração dos moços, no espirito apaixonado, angelico e ardente das mulheres, na cabeça entusiastica dos poetas e pensadores de todos os tempos ha de levantar-se á sua imortalidade um monumento perenne, immenso, duradouro e eterno:—O Culto da admiração.

EGAS MONIZ

D R A M A

P O R

J. DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

EGAS MONIZ

A famosa tradicção historica, da palavra não cumprida, do preito e vassalagem que, de Affonso Henriques, exigira o rei de Aragão e de Castella, promettidos pelo nobre e venerando aio do vencedor de Ourique, é o sympatico assumpto do drama que, à contemplação dos coévos e dos vindouros, apresentou de sua lavra, um dos mais assignalados varões da litteratura portugueza, — o Sr. José da Silva Mendes Leal Junior.

De todas as fórmas litterarias, depois da epopeia, é o drama historico a mais arriscada empreza a que se propõem os modernos escriptores.

Considerado á luz dos principios philosophicos da arte, e sob o estudo largo e profundo dos acontecimentos nacionaes, o poema dramatico, reune talvez, em um unico sér, os douis essenciaes principios da poesia épica e da poesia lyrical.

E' certo que no drama historico a accão dramatica é mais simples do que na epopeia, seja embora não somenos o feito e o nome illustre que se pretendem celebrar, e magistralmente bem traçados o enredo, as paixões, as peripecias, o amor, o odio, os infortunios e tambem os caracteres que com tudo isto tem de arcar.

No drama, sem contar com as prédicas criticas do poeta, que lá vem de costumagem intercaladas de figuras que só buscam o effeito scenico, o interesse fixa-se de ordinario em uma individualidade e não em um povo inteiro. Desenvolvendo-se em mais apertada arena, a accão percorre um circulo menor; expressão intima das suas paixões, as peripecias nascem da vontade dos personagens, sejam embora Fausto ou Frei Luiz de Souza, Othelo ou Ernani; sem que os sentimentos da alma humana tomeñ proporções de inspiração divina, ou ficções do poder fatal do destino. Os paladinos ou protagonistas do drama, como na epopeia, não tomam ares de titães, nem os deoses lhes vem dar aquella apollinia belleza de que a mithologia revestia os seus heróes quasi sempre semi-deoses.

Os heróes dramaticos, perfeitamente humanos, sem essas phantasticas bellezas do paganismo, embora nobilitados por actos de raro civismo, rasgos de inaudita coragem, de patriotismo, de

amor e de virtudes sociaes e religiosas, tem em si mesmo, na sua propria vontade, a liberdade de seus actos.

E' verdade que no drama, como na epopeia, ainda que com mais simpleza, tambem se casam os agentes com a accão, a accão com os acontecimentos, surgindo delles a verdade da fabula, a justeza das feições e as idéas que lhes dão alma, calor e vida, entrelaçando na teia matizada de accões variadas, de risos e lagrimas, de esperanças e entusiasmo, de fé e septicismo, o entrecho que se prende e se revolve na unidade do facto que se commemora.

Comparado ao poema lyrico, o drama sobreleva-o com a maior extensão que tem de senhorio, libertado e sem medo das regras de Aristoteles, como os modernos o afiguram, sem unidades de tempo e de lugar, embora sujeitado á indeclinavel lei de todas as obras de arte : — a unidade de accão.

Subordinados aos principios eternos dos sêres creados, todos os fructos da imaginação, como expressão de belleza, devem offerecer a imagem de um todo organisado e perfeito, attendendo-se a que uma idéa, um sentimento, uma paixão ou um feito qualquer a que se quer dar contextura e vida, é o centro em torno do qual gravitam naturalmente todas as outras partes que o cir-

cumdam, avultando n'um conjuncto centripeto de um interesse real, palpavel, independente e absoluto.

A necessidade de nos elevarmos a uma esphera superior, onde o espirito se deleitasse nas contemplações das harmonias da natureza, impellio a arte a mostrar-nos debaixo de formas sensiveis os encantos da verdade do infinito, visto que da idéa do infinito e do finito nasce a realisaçao do bello, isto é, a essencia, a substancia intima das cousas, o esplendor da verdade divina.

Espelho resplandecente do poder de Deos, é a arte e a natureza um poema eterno, no qual ha sempre muito que ler de bom para o coração e para a alma.

Aquelle que o contempla sentindo-se maior no ambiente daquella athmosphera pura, sente tambem palpitar-lhe dentro em si a consciencia da sua natureza infinita. Nas faculdades de seu sér como que se espalha um prazer ethereo, uma beatitude que nada tem de commun com os gozos da materia, nem com os desejos impuros do coração. A alma experimenta então alguma cousa extranha ás miserias da existencia terrestre, alguma cousa de divino, do céo, dessa felicidade seraphica, com que a religião tão bem caractे-
risa a eterna vida, que lembra a suprema omnipotencia do Creador.

O mundo da arte, dil-o-hemos sem venia, é mais verdadeiro do que o da natureza e da historia. Na poesia da arte, a apparencia das imagens é mais perfixa do que a realidade positiva ; os symbolos são mais ideaes, mais bellos, mais sublimes e mais duradouros do qué essas existencias moveis e fugitivas do mundo real. — O bello ideal é um e unico.

A philosophia do espirito acha na singeleza ou na magestade homerica das obras da arte, o elemento eterno das suas meditações, as pomposas concepções da intelligencia, as paixões do homem e a sua magnitude.

Do que deixamos levemente apontado, se deduz que, o estudo e a analyse das producções, da arte devem ser fundadas, nas regras da critica no conhecimento dos principios da belleza, na finura e delicadeza do gosto, no sabor necessario á sua apreciação, pois que pela immaterialidade da alma, pela magnitude das creações do espirito, o mais das vezes, as obras do homem igualam, se não excedem, as obras da natureza !

Desta superioridade do homem, sobre o mundo real, não é somenos a gloria de Deos no poder da sua creatura.

Se é exactissimo, como cuidamos, o que acima fica dito, que muito de industria o dissemos nós, fôra desacordo e cegueira ousada, como cami-

nheiro incauto, sem os segredos de Dedalo, penetrar no labirinto da critica, mil vezes mais enredado do que aquelle da celebrada Creta.

Pretender justas de cavalheiro armado, quem, rude peão, mal podera suster nas mãos, com o grande peso, a arma das contendas, audacia fôra, ou parvuleza, digna de reparo. Nem tão facil é a empreza que caiba a pigmeos o arriscado empenho de ir apontar as manchas e senões, que por ventura escapassem, ou como tal se tome o que para entendidos mais belleza fôra, no monumento que ás civicas glorias das lusas gentes acaba de erigir o Polycléto das letras portuguezas.

Aquelles que pela primeira vez esguardam na olympica magestade do Párthenon os immortaes relevos em que Phidias testava de envolta com a historia dos sacrificios de Athenas, a grandeza da arte grega, cegos, offuscados pelo brilho daquelle luz divina, não podem comprehendher, nem vêr sequer, o sublime ideal que tem absorvido a admiração dos séculos !

Não são cortezanias de lisonja, rendidas ao eminente auctor do *Egas Moniz*, estas palavras: « fôra injuria que jamais fizeramos ao seu valor. » — Uma reputação que se elevou do nada pela grandiosidade do seu—eu—ao fastigio do genio, ganhou direitos inquestionaveis de ser exceptua-

do dos incensos que se queimam às inuteis vulgaridades do tempo.

Um notavel talento que a desventura affastou da vida moral e dos torneios das letras, fallando do Sr. Mendes Leal Junior, na critica das suas obras, dizia assim :

« O Sr. Mendes Leal, é um talento de larga esphera; é um dos nossos primeiros poetas lyricos; é a primeira reputação dramatica da mocidade..,

« Dedicando-se a todos os assumptos, escrevendo ao mesmo tempo como romancista, e como escriptor publico, como critico, e como folhetinista ligeiro e ameno, é sobre tudo um poeta vigoroso de imaginação, que já no genero lyrico, já no genero dramatico occupa um dos primeiros logares nas letras portuguezas.

« A sua vocação não se fatiga, nem diminue, apezar de sujeita aos tratos de uma laboriosa improvisação. A sua musa decadente e languida ás vezes, parece rejuvenescer mais formosa e gentil, quando as suas faculdades se concentram e se completam pela meditação.

« Quando a turba de detractores officiosos annuncia o distincto poeta *mecanizado* pelos trabalhos do jornalismo, ou distrahido pelas scenas de um romance escripto apressadamente, aos capitulos, estampa elle um formoso trecho lyrico,

ou vê applaudida no theatro uma obra notavel
pela concepção e pelo estylo »

E' o que mais uma vez acaba de succeder
com a apresentação do seu excellente drama
Egas Moniz.

Logo ás primeiras scenas, na correcção typica
do traço, no vestir de galas limpas e sãs, na
hypotyposis dos acontecimentos, na hombridade
dos personagens, — inexgotaveis dotes do seu
prodigioso talento, se realça a robusta individualidade
das suas faculdades productivas, do
seu apurado modo de sentir e vêr as cousas.

Explendente de formosura e graças, ha em
todo o drama um perfume de singeleza patriar-
chal daquellas épocas de puro amor da patria,
de fé no rei e em Deos, que não se encontra já
senão nos carunchosos capitulos de algumas
velhas chronicas d'esses tempos da athletica
infancia de Portugal.

Cinzelados com mão de mestre ha alli, em
todos os caracteres que movem a accção do drama,
e em cada um de per si, o artistico modelado das
feições, da postura e do gesto ; a vida e o pensar
daquellas gentes e eras cavalheirosas.

Ha na propriedade do panejamento, no desenho,
no vigor do colorido, na luz e sombras do
claro-escuro daquelles acrisolados typos da ge-

ração que foi, — mumias galvanisadas, estatuas animadas ao sopro vivificador do audaz Pygmaeleão; — a expressão indelevel das suas physionomias moraes, o vulto historico, assombroso, deslumbrante, as attitudes guerreiras e denodadas, o corpo e a alma de Egas Moniz, de D. Affonso Henriques,— e de todos os outros entes que os circumdam e acompanham, e tudo isto pintado com as vivas cores e brilho daquella rara belleza e cyclopicá virilidade que immortalisaram o artista do *Moysés*, no seu quadro do *Juizo Final*.

Grande e maravilhoso é o poder do talento a remontar-se, pelas faculdades do espirito, ás regiões nebulosas do passado, para descer depois á umbrosa morada dos sepulcros, e levantar de cima do coração já frio dos heróes da patria, ou da humanidade, o sudario de pó que os amortalha, despertando-os, como Christo a Lazaro, para contemplar-lhes as feições, os sentimentos, as paixões, as idéas, os segredos, todo o sentir emfim daquellas organizações seculares ; e revelar depois tudo isto, como se tivesse vivido com elles, participado dos seus risos e das suas lagrimas, das suas aventuras e batalhas, das suas festas e saráos, resuscitando no seu viver real todos aquelles sérres indestructiveis que o tempo escondeu no tumulo, para não encher de ver-

gonha a imbell e degenerada prole que havia de succeder-lhes !

Em tão extremado labor e temerario empenho, sahio vencedor o fecundo Lysippo deste novo Appollo.

A phisionomia herculea daquelles ricos-homens, os solarengos da idade média, as virtudes patrioticas dos velhos povoadores da lusa iberia, aquelle cuidar dos seus que glorificou, pelo velho e novo mundo, um punhado de homens que vão até os confins do oriente plantar o estandarte da cruz e da civilisação, dilatando assim o reino que tão limitado houveram de seus avós, sobresahe ali, como esmalte em ouro de fino toque, de um modo novo, mas grandiloquo e esplendido.

E tudo isto que surprende e encanta, que arrasta e fascina, que desperta e justifica as ambições do Lacedemonio Preugenés, roubando a estatua de Diana Limnacia, é escripto com uma propriedade indizivel, n'uma linguagem casta e succulenta, onde lhe estão pullulando lusitanismos em vocabulos e phrases castigadas, sem affectação nem fanfarrice ridiculas e pedantescas, antigualhas escavadas em pergaminhos fosseis que o povo e nós, por estranhas e desusadas, não entendemos.

A archeologia das linguas têm seus limites ; a

immutabilidade é impossivel n'uma sociedade que não adormeceu, que caminha sempre no rumo do progresso, como consequencia inivitavel das substancias da arte e da civilisação

«A religião do sepulchro, diz o Sr. Rebello da Silva, deve sér tão sagrada para a arte como para a histor a, porém nos lavores da imaginação a verdade está em reproduzir as idéas, em desenhar as phisionomias e em dar o devido relevo aos costumes, e não em suar na fadiga ingrata de uma crassa Minerva para dissolver a tinta dos velhos pergaminhos em arengas insipidas ou estudadamente falsas

« O verdadeiro espirito dos seculos escapa sempre á rede de apanhar vocabulos dos copistas servis.. A historia está nas cousas e não nas palavras. »

O Sr. Mendes Leal é uma organisação privilegiada à qual a Providencia confiou, com o destino da musa dramatica de Portugal, o glorioso afan de secundar, em proveito das letras e da patria, a trilha aberta pelo immortal Gil Vicente, cujo solar mais ennobrecido ainda pelo dominio de Almeida Garret, é hoje a herança e premio que lhe sobredoira as fructuosas fadigas de seu genio.

Egas Moniz, do modo por que está escripto, é

uma evocação épica desse passado titanico de Portugal, que parecia querer escalar o céo na aancia de conquistas que satisfizessem á sua ambição; — é a recordação saudosa, viva, de um reinado opulento, de uma aurora côr de rosa em que o céo e o futuro sorriam prenhes de esperanças, anunciando um dia perenne e eterno.

O sol decorreu rapido o largo campo que levava do apogeo ao occaso; e por muito tempo, no lethargico entorpecimento da nação, só n'um livro sublime se perpetuava e se via a imponente historia que jámais envergonhara gregos e romanos.

Com o ultimo fronteiro de Arzilla, morreu a geração que assombrará o mundo! Era immenso o seu cadaver; para enterra-lo, D. Sebastião, com a flôr da mocidade nas areias de Alcacer-Quibir, abrio uma sepultura que absorveu a patria!

Era a suprema lei da humanidade. A tribo de Israel, que descansava das lutas do combate construindo as torres derrocadas pelos inimigos da liberdade, não podia ser eterna.

A terra cançou de produzir Achilles! Os vencedores de Diu, de Ceuta, de Malaca, de Ormuz, e de Cambaia; o Mestre de Aviz, Duarte Pacheco, e D. Affonso V, já tinham descido á eterna pri-

mavera da Elysia Leuce, quando essa raça enfezada e decadente, que só nascêra, como o elo que devia unir aquella gente batalhadora e forte com a hodierna dos lutadores da poesia e da arte, enervada no gosto da cobiça e na rudeza de um lazer estupido, assassinou a patria.

Lembrar as acções egregias deste povo, do qual temos o orgulho de descender, que foi o arauto da civilisação,— folhear o livro dos seus feitos e ler uma das suas inimitaveis paginas, é praticar como Solon, que, vendo seu paiz abatido, decadente, flagelado pela discordia, appellando para as cecropicas tradicções dos canticos de Homero,— pedia aos gregos de então aquelle patrio-amor dos invenciveis soldados de Agamemnon.

O Sr. Mendes Leal entendeu isto como ninguem, e, abrindo as chronicas dos seus quadros historicos, mostra aos portuguezes de hoje o que foram os seus antepassados.

No seu drama, a idéa capital é lançada com aquella valentia e resplandecente arrojo intelectual que são a pedra de toque das organizações superiores.

Como estudo de historia philosophica, de atticismo patriotico, ha nelle muito que admirar,— para poetas e prosadores, ha muito que colher de bom;— a expressão é cuidada e cheia de elegancia; o estylo altiloquo, pomposo, vehemente e

fecundo, realça de momento a momento os rares dotes da sua poetica imaginação; e a finura e naturalidade do dialogo, os legitimos esplendores do seu artistico talento.

Egas Moniz é um conjuncto nobre de virtudes civicas, effluvios da religião affectuosa da familia no lar domestico, e dos deveres do cidadão pelo rei e pelo povo.

As aspirações intimas das harmonias do coração que engrandecem o homem no dominio legal da castidade e da honra, foram os alentos vivificantes deste hymno glorificador da arte e da poesia.

Do principio ao fim, os caracteres sustentam-se sempre na mesma altura e igualdade. Na volupia, — a paixão foi sobria : e nenhuma mulher, arrancando as flores da virgindade ou da pudicicia, foi rojar-se no lamaçal de uma abjecção nojenta de lascivia törpe e infame.

Sem santificar os erros da mulher, nem sacrificar nas aras da Venus impudica, soube ennobrecer aquella sem deshonrar o homem.

As vestes da virtude não foram rebolcadas no lodo baccanal das perdidas de Babylonia, nem as Magdalenas foram divinisadas e trazidas em ovação, ao lado de um esposo, até o seio das familias honestas, no dia em que a saeiedade dis-

soluta lhes deixou olhar para o mundo que aló
vituperavam túmidas pelas suas proprias faltas.

No drama do Sr. Mendes Leal, a sociedade não foi constituida em bode expiatorio dos desvarios da mocidade licenciosa, ou dos gosos e desejos da luxuria e da concupiscencia. Nos proprios arroubos do amor, no entusiasmo da paixão, a virtude sobrelevou-se ao fogo da materialidade. Logo ás primeiras palavras do poetico encontro de D. Violante com Egas o trovador, o Sr. Mendes Leal eleva a um lugar eminente a virtude da mulher, mais tarde ainda enriquecida com a dedicação da esposa de Egas Moniz, e da propria D. Violante.

O que ha de mais suave e candido entre douz amantes, nos colloquios de um amor vehemente e casto, está descripto nestes trechos :

EGAS (O TROVADOR)

Sempre à frente combati
Desde a Syria até á Thracia.
Diziam lá que era audacia ...
Não era : pensava em ti !
Que mais posso hoje dizer-te ?
No combate e na victoria
Procurava a morte ou gloria
Para honrar-te e merecer-te.
Bemdicto sejaes, meu Deus !
Revejo tudo qual era !
Sorri-nos a primavera
Na terra, n'alma e nos céos !
Dos nossos puros amores
Não te lembra a casta aurora ? ...
— O sol de abril, como agora
Vestia as penhas de flores ...
Recordas-te a vez primeira

Que do meu peito o mysterio
 Te confiei, no asceterio
 Da Senhora da Oliveira ? ...
 Uma velha e santa nona
 A pouca distancia orava
 E grave o orgão suava
 Na igreja de Mumadona ! ...
 Ousei diser-te — em desmaios
 Esta voz affeita ás damas : —
 «Os outros olhos tem chammas,
 «Os teus, senhora, tem raios ! »

D. VIOLENTE

Promessas não te designo
 Das que a illusão persuade....
 Não !.... Disfarçar-te a verdade
 De nós ambos fóra indigno !
 — Deixemos lamentos vãos
 Aos espiritos vulgares ;
 Longe ou perto, onde te achares,
 Egas, seremos irmãos !
 — O dever paixões sublima
 Nos saeríscios supremos :
 Se hoje o mutuo amor perdemos,
 Que nos fique a mutua estima !

A poesia e o amor, para certas almas pre-destinadas pelo céo, é uma flôr colorida e assestinada, de angelical perfume, que suavisa e embalsama a vida. No brilho das suas côres está o viço e a frescura do coração embevecido nas delícias da felicidade ; no perfume está a crença e o culto da virtude, que suavisa as dôres no infortunio. Se o tufão da desgraça lhe soprou violento o flavo hastil, vergando-se para a terra, não resiste e pende, até que os aljofares da bonança lhe orvalhem as petalas emmurchecidas.

Deste modo parece tambem tê-l-o entendido e

representado o Sr. Mendes Leal, nos nobres sentimentos do trovador e da sua dama.

A lealdade de todos os vassallos para o seu rei, a homenagem sem lisonja, o respeito sem baixeza, a dignidade sem orgulho, o orgulho sem vaidade, estão alli retratados com verdade e singeleza em todas as fallas dos ricos-homens e cavalheiros, quando Affonso Henriques, reunindo a sua fidalgia na curia real, e expondo-lhe as exigencias do rei de Aragão, lhes perguntava o que fizesse.

E' notavel a falla de

GONÇALO (o LIDADOR)

Fallarei eu, senhor.—Preitezia e vassallagem destas terras a quem fóra dellas nasceu ! Porque ? Palmo a palmo as ganhamos nossos paes. Em sangue nosso foi amassado o cimento das torres, erguidas nos visos dessas fragas. Dos ossos dos nossos estão cheias as vallas abertas na profundezas desses brejos. Dia a dia disputamos ao mouro cada villar, cada penha, cada alfoz, cada lanço de muro, cada beira de regato. Granjas e casaes com os homens da nossa creaçao os povoámos. Nossas honras e herdamentos foram lavrados a ferro em continuo batalhar. Olhamos em torno, e o berço em que nos acalentaram tem os signaes das mãos dos nossos, e o cruceiro em que ajoelhamos dà sombra á sepultura dos nossos. Tudo isto, que é patrimonio e legado.... tudo isto que andamos defendendo e vamos dilatando.... tudo isto hemos de render ao Leonez, que nos salteá e assolla... tudo isto hemos de entregar a quem por estranho nos não pôde ter amor !.... Para que ? Para que um dia.... quando lhe praza... o reparta pelos seus lisongeiros, pelas suas mimosas, pelos seus favorecidos ! Não fóra homenagem, fóra impiedade ! Não verei eu tal, ainda que todos o consintam, ainda que fique desamparado. Das muralhas do meu solar desafiarei eu só quem vier, e quando ellas desabarem, as suas ruinas me serão tumulo.... não infamado ! Livres nos fizemos. Jurei morrer livre.

Egas Moniz expondo as razões em que se es-

triba para que Portugal não renda vassalagem ao rei de Hespanha, sem se esquecer dos seus juramentos nem adherir aos argumentos dos outros cavalheiros, levado pelo santo amor da patria diz :

As rasões verdadeiras são melhores.... A razão é — que não podeis dispôr desta terra contra a vontade dos que a sustentam e amparam, porque não é causa vossa, mas de todos... a razão é — que fôra vergonha e iníquo pôr aos pés de estranhos o que os avôs nos adquiriram ... à razão emfim é — que não jurastes, nem me autorisastes vós, senhor... nem estes... nem ninguem,... eu só. Eu só portanto sou o empenhado.... eu só respondo pelo penhor.

INFANTE

Quercis então expôr-vos á infamia ?

EGAS MONIZ

E se quizer ? Da minha honra disponho eu, como da minha vida !

INFANTE

Assim aconselhais-me....

EGAS MONIZ

Como todos ...
Esperaveis acaso o contrario ?

INFANTE

Que sou eu em Portugal ? A todos mostrarei que não ha aqui vontade acima da minha.

EGAS MONIZ

Ha : outra maior — a que obriga principes e vasallos — o interesse é a gloria da nossa terra !

Heis de cumprir o vosso dever de principe : entre todos este é o primeiro, o essencial. Se Deus vos fez nascer tão alto, foi para olhades mais longe. O cargo de reger estados não se pode medir por condições vulgares.

O que ha ahi de mais elevado e nacional, de mais pasmoso e inclyto?

Egas Moniz é o typo da honra e da lealdade — Portuguez antes de tudo, tudo sacrificia á patria. Resignado e paciente, sentindo mais pelos seus do que por si, o captiveiro ou a morte, caminha impavido, resoluto e generoso, á corte e presençā do juiz, já preso pelas suas proprias mãos ao baraço dos condemnados ! Salvador da liberdade dos seus conterraneos e do Estado, vencido pelo dever da palavra não cumprida, o seu coração não treme ; a consciencia está tranquilla. Era de bronze aquelle homem : a procella das desditas não o assusta, debalde, em vão, se lhe procurára um temor ou pallidez nas faces ! Vendo a esposa e os filhos herdeiros do seu infotunio, como o haviam sido dos seus dias de ventura, a alma estalla-lhe de angustia, a luz desvaira-se-lhe dos olhos, mas dos seus labios nem um gemido se desprende ! Não amaldiçõa o céo como Ajax; sujeita-se ao dever da honra, como a victima ás exigencias do sacrificio !

D. Theresa é digna esposa de tão venerando cidadão. Ao saber da sua partida para Castella em pagamento da preitezia recusada pelos Lusitanos, o seu amor de esposa, a heroica virtude de mulher, que nunca faltou, rebentam-lhe dos labios em vozes de ternura e extremoso affecto ;

EGAS MONIZ

Que dizes ? Que fazes ? ...

D. THEREZA

O meu dever.... como cumpres o teu ! A esposa e os filhos de Egas Moniz, aprenderam no seu exemplo. Não nos unimos os dous na mesma fé ? Não sentimos ambos por uma só alma ? Que temos na terra que não seja commun ? Meus foram sempre os teus jubilos. Minhas hão de ser as tuas penas. Aonde fores iremos ; o que passares passaremos Casamos com as mãos o coração ... Não ha poder que nos separe ... não ha lance que nos descásse.

EGAS MONIZ

Pois não presentes que é a morte ?

D. THEREZA

Não prometti eu viver e morrer contigo ? Quem pôde tirar tal direito á esposa que nunca faltou ? Se a palavra empenhada te obriga, obriga-me este voto sagrado ! Juraste na tenda de um rei ; eu jurei no altar de Deus. Ousa desmentir em mim o mesmo que em ti respeitas ! Que dirás para me tolher que te imite ? Que dirás para me negar que te siga ?

E' a varonil abnegação da alma feminina, simbolysada na români Loba, mai tarde repetida sob diversa fórmula, por Philippa de Vilhena e Anna Brites.

Na presença do rei e da curia de Aragão, o vulto de Egas Moniz cresce de proporções e de belleza. A corda que lhe pende do pescoço, o seu dizer sentido, nobre e grave, arrastam e infunhem respeito estranho ao rei, que pasma de quanto vê e ouve.

O REI

Que vejo ? Egas Moniz ! E desta sorte !
Faz isto um cavalleiro, Deus potente ? ! ...

EGAS MONIZ

Um cavalleiro não, um penitente,
Um captivo, senhor.... que espera a morte !

O REI

Um perjuro! um falsario...

EGAS MONIZ

Em que?

O REI

Por Christo,
 Varreste da memoria
 A palavra, o penhor, a fè notoria!

(Aos circumstantes.)

Senhores, ouvis isto!

(A Egas.)

Onde fica a fiança promettida?

EGAS MONIZ

Pagal-a venho : trago-vos a vida!

O REI

Frustrar cuidais os fóros ao dominio! ...
 Desenrolando aos ares
 O meu pendão de guerra,
 Irei eu mesmo impôr aos vossos lares
 O suppicio da infamia e do extermínio!

EGAS MONIZ.

A mim, ó Rei — mas não á minha terra!

O REI.

Erguei-vos. Na postura e na humildade
 Não resgataes a culpa.

EGAS MONIZ.

A culpa é grande
 Mas o resgate igual.

O REI.

Pensaes que abrande
 As justas iras com maior piedade?
 —Resgate igual não é. Não é, repito ...
 Que trazeis? Um cadaver condemnado ...
 Que jurastes? O preito de um estado!

EGAS MONIZ

Essa culpa, senhor, esse delicto,
 A palavra que houveste por segura,
 Era á patria affrontosa :
 Por vós —por ella — amargo a incauta jura
 Da bocca mal cuidosa !
 Penhor vos fui, a dívida confessó :
 E aqui trago, holocausto voluntario,
 E aqui vos offereço
 O réo... envolto já no seu sudario !

O REI (*desdenhosamente*).

Uma vida em tal caso!...

D. THEREZIA.

Pouco fóra,
 Por isso aqui nos vedes a seu lado !
 Tendes mais sob a espada vingadora
 A culpada familia do culpado ...
 Seu sangue, seu amor com elle expia
 A falta dessa iniqua vassallagem.—
 Saiba a Hespanha que inteira uma linhagem
 Unida a morte encara,
 Por não faltar um dia
 Quem á fé, quem a si jámais faltará.

EGAS MONIZ.

Partido o coração, mas resoluto,
 Entre as cinzas deixei co' a despedida
 No deserto meu lar o eterno luto ! ...
 Mais trago que este corpo e que esta vida;
 A minha alma vos trago — o melhor della—
 Toda, Senhor, por estes repartida.
 Fartai, fartai, as coleras potentes
 No que mais me estremece e me desvela .. .
 Na esposa amada e filhos inocentes !
 Assim vos pagareis desta fiança
 E o resgate será maior do que ella !
 Isto é meu : — isto em vossas mãos entrego ;
 A patria, que fez livre a sua herança,
 A patria não, Senhor...
 Fóra vendê-l-a temerario e cego,
 Fóra ser-lhe trahidor,
 Mais que trahidr, sacrilego ! ... sou vosso,
 Vossos são estes. Dou com a prole escrava
 Quanto fui .. quanto amei... quanto esperava.
 Não tenho mais que dar .. dou quanto posso !

Estas scenas são preciosas e inimitaveis; que

relevo, que animação, que natural, que analyse da physionomia moral do incorruptivel cidadão na variedade dos sentires por que passava : beleza ideal da unidade da arte, partem della toda a poesia e brilho.

A musa dramatica do Sr. Mendes Leal nunca se occupou de mais alto assumpto. E' um estudo profundo da época, um capitulo, um canto da iliada desses velhos feitos das cavallerias guerreiras de Portugal, inspirado no sentimento da nacionalidade, e hoje atirado ao mundo, coberto de fórmas graciosas, suavissimas, immensas e originaes,— como um desfio solemne ao orgulho historico de todas as nações.

A simplicidade da acção éignalada à grandeza do assumpto.

A alma e a razão do poeta arderam no amor da devoção do ninho seu paterno, consubstanciando todo o alento da inspiração na grande empreza da arte.

Ha a cada passo versos tão perfeitos, tão cheios de galhardia e coragem, tão cheios de melancolia e tristeza, tão doces e ao mesmo tempo energicos e pomposos, que parecem mais, poesias soltas, de curto folego, odes e canções estudadas em modelo, refundidas, retocadas e aperfeiçoadas no remanso do gabinete do poeta enamorado, do que gritos estridentes daquelles

bardos da Caledonia evocando as sombras dos que foram, como, sem afrouxar o estro e o interesse da narrativa, soube fazer o Sr. Mendes Leal.

Veja-se estes lindos versos :

EGAS (O TROVADOR.)

(*Erguendo os olhos para uma cruz.*)

“ Emblema redemptor por quem gostoso
Verti meu sangue em fervido conflicto,
Ampara o teu romeiro desditoso
No atroz martyrio de um viver sem fito !
Tremo da vida ! de mim proprio tremo ! ...
Movendo a custo os vacilantes passos
Buscar venho em meu mal — refugio extremo —
A sombra tua, o asyllo de teus braços !
— Esforço ao desalento solitario,
Piedade à immensa dôr que me conduz.. .
Porque tenho tambem o meu calvario...
Porque eu tenho tambem a minha cruz !

No quinto acto, como em todos os outros, ha scenas intimas e arrebatadoras. Não assombra menos o encontro de Egas Moniz com Egas o trovador, quando este, levado pelas fallas de D. Violante, se propunha a fugir dos carceres de Tolentum. Que soberana dignidade nestas palavras :

EGAS MÓNIZ.

Toma da mão essa espada,
E vara-me o peito aqui...

Passai depois, eis-me absorto,
Passareis comigo morto,
Mas não comigo traidor !
— Por mão de insanias paixões
Lançaveis, entre ciladas,
Sobre estas cans deshonradas
O opprobrio das gerações !
Gente fraca e desleal ! ...
— Vendo fraudes tão estranhas,
Que diriam as Hespanhas ?
Que diria Portugal ?

—Quem vos mandou aqui vir
 Com orgulho temerario,
 Se aos passos do meu calvario
 Me não podieis seguir ?
 Que pretendies, dizei,
 Nos vossos loucos assomos ?
 Fugir ? — fugir ! nós que somos
 O pagamento de um rei !

Já antes, no colloquio entre Egas Moniz e Affonso de Leão, se mostrara illibada aquella inabalavel e rarissima virtude, quando, para experimental-o ou seduzil-o, o tentava El-rei, aconselhando-o, com o offerecimento dos seus dons e graças, a que induzisse Affonso Henriques a prestar-lhe vassalagem.

Recusou por este modo :

EGAS MONIZ

.....

tudo que tenho me deu Deos na patria : tudo que tenho pertence á patria. Desenganai-vos, senhor ; eu, por velho não cedo a tentações... e Portugal, por novo, não empenha o seu futuro.

O final do drama é como o brilhante engastado no apex da corôa, illuminando-a dos brilhos do seu esplendor.

O sol no occaso do seu labor infinito tambem manda á terra um raio vivido e formoso, que espalha pelo espaço, já escurecido de trevas, um resto daquella luz ardente e divinal com que dourará a terra das alturas do seu zenith.

São bellos estes versos com que termina o drama :

EL-REI.

Eu dou-me por satisfeito,
Vós ficas desobrigado !...
Mais — Affonso aqui vos diz
Padrão de gloria e nobreza
A honra de Egas Moniz !

EGAS MONIZ (*inclinando-se*).

Não, Senhor — a Portugueza.

O plaustro de triumpho que devia conduzir ao capitolio da immortalidade o illustre autor do *Pagem de Aljubarrota*, dos *Homens de marmore*, da *Herança do Chanceller* e de tantas outras concepções distinctas pelo pensamento e lavor, necessitava de mais uma joia de subido preço, que completasse os gentis primores da sua fulgente e popularissima riqueza ; essa joia foi o *Egas Moniz*.

A immortalidade do Sr. Mendes Leal, começa ainda no reinado activo da sua intelligencia. O futuro não fará mais do que consolidal-a,—livre das paixões mesquinhas da vulgaridade—, imprimindo-lhe aquella respeitosa aureola de veneração e culto, de que se revestem sempre, pela luz da morte, as athleticas glorias de todas as nacionalidades.

ORAÇÃO

A

SOCIEDADE ENSAIOS LITTERARIOS

ORAÇÃO

A

SOCIEDADE ENSAIOS LITTERARIOS

A' illustre cultora das letras patrias, — à modesta e incansavel sociedade «*Ensaioes Litterarios*» — envia muito saudar, a *Sociedade Propagadora das Belas-Artes do Rio de Janeiro*.

A impávida e patriotica instituição, que acompanhou as porfiadas lutas do cyclo que acabamos de percorrer, e que sem cruzar os braços, como as figuras tetricas de Byron, no meio das altas questões do espirito, vio despedaçarem-se em combates mortiferos mas estereis, as cyclopicas organizações dos athletas da arte e da poesia, — lamentando hoje, a perda de tão adestrados companheiros, aniquilados, mortos, no infructuoso labor desses uteis e prestimosos empenhos da inteligencia que a estolida indifferença publica menospreza e abandona;—levantando-se da obsridade do seu lar domestico--phalange inválida de

um exercito, que só propugnara pelo engrandecimento dos seus e do estado, como na infeliz Carthago o fizèram os briosos soldados de Anibal, aqui vem, reverente e cheia de admiraçao por vós, assistir, do honroso canto que lhe destinastes á meza do vosso opiparo festim, ao terceiro anniversario da vossa inauguraçao solemne.

As letras e as artes nascidas da mesma origem e buscando o mesmo fim, progredindo e florescendo em todos os tempos, até mesmo entre as mais atrazadas nações do globo, como irmãs inseparaveis e homogeneas, —unicos elementos primitivos e geradores dessa grandesa infinita que une o homem à divindade, a creatura ao Creador, têm caminhado sempre unidas, vivendo da sua mutua e reciproca immortalidade, como Castor e Polux d'aquellea poetica ficção do paganismo, — produzindo cada uma de per si, e ambas em sympathicoconjunto, tudo o que ha de grande e de sublime sobre a terra cultivada pelo homem, desde o supremo dia em que os descendentes do protoclasta da rei divina tiveram de engrandecer-se pelo trabalho, conquistando a eternidade no seio de Deus, já que a culpa do primeiro incola do universo tinha sido punida com a morte.

Se as grandezas dos inimitaveis povos que glorificaram a vida e as accões de Pericles e Alexandre, se perfectuaram nos divinaes relevos

de Phidias, que testemunhava aos posteros de envolta com as hecatombas de Athenas o sublime ideal da arte grega, tambem Homero tinha decantado os brios dos batalhadores de Achilles, acordando no peito dos héllicos o marcial ardor d'aquelles tempos de titanica valentia.

Ao lado da Illiada, Iá está o Jupiter olympico ; — da Divina Comedia, a estatua de Moysés ; — de Jerusalem libertada, a igreja de S. Pedro ; e dos Lusiadas, os *Jeronimos* e o mosteiro da *Batalha*.

Mas este passado rico e explendido que reunia em um unico ser a arte e a poesia, que marca nos fastos da humanidade a supremacia do espirito sobre a materia, (esquecido e obcecado hoje por uma raça de pigmeus, — sciolos, enfatuados e ridiculos,) foi substituido por um reinado de túmidas parvalezas , de especulações salazes e abjectas, que envenenão e matão todas as aspirações sublimes do espirito, que será o opprobrio das gerações, e o aniquilamento de tudo que ha de nobre e puro no coração da humanidade.

Quando no Peloponneso, se celebravam os famigerados jogos olympicos, e que os concorrentes adestrados n'um exercicio de dez annos, se atiravam na arena da luta para alcançarem a côroa de louros com que se recompensava o vencedor, ardia no altar da patria o incenso com

que se devia deificar o heroe que Jupiter ennobrecia. As populações arrastavam-se aos pés do feliz que percorria em plauistros de triumpho as ruas da cidade; e os mais habeis estatuários cinzelavam no marmore a estatua do guerreiro pelasgo que devia incitar os brios dos futuros paladinos.

Era um mundo de entusiasmo e de gloria que os beleguins vilões dos tempos que ahi vão não podem avaliar nem comprehendêr, porque a illustração do vapor e do atheismo social, na bella phrase do Sr. Alexandre Herculano, ahi, vai livelandu o que foi pelo que é, a gloria pela infamia, a fraternidade do amor da patria pela fraternidade dos bandos civis, as memorias da historia gigante do passado pelo areal plano e pallido da nossa historia presente, a obra artistica pelos algarismos do orçamento, o templo de Christo pela espelunca do rebatedor.

No meio deste viver descrido que levamos, rebolcando no lodo do insulto e dababa do estrangeiro pirata, o amor da patria e o nome honrado d'aquelle punhado de cidadãos que por tantas vezes expellio com as armas na mão os salteadores que, á sombra de uma bandeira, se atreviam a insultar-nos exigindo preitezia e vassalagem, o que é que ha de surgir de bom e digno que alente e vivifique a arte e a poesia? ..

Na puerilidade de reverencias diplomaticas,

de cortezanias de respeito e de lisonja, como até aqui havemos feito áquelle que nos vem injuriar e menosprezar no nosso paiz, não é que a poesia e a arte hão de achar os elementos creadores das glorificantes e imponentes obras do espirito.

Por cima das cabeças decepadas pelo carrasco dos barbaros intolerantes, é que o lábaro do christianismo subio das catacumbas de Roma até á cupula da cadeira de S. Pedro !

Quando os martyres do Catholicismo, entrando no circo de Flavio, levantavam os olhos ao céo, n'uma oração de fé plangente e intima, para se entregarem ao suppicio das garras das feras, com que lutavam na arena, o seu hymno de morte estampava nas faces de Roma dissoluta e pagã, um protesto solemne em favor da liberdade da consciencia e da palavra, isto é, do direito e da dignidade dos povos.

O inimigo commum do explendor e da soberania de todas as nações bate ás nossas portas, como Attila ás da cidade eterna ! Selvagens atacam o nosso pondunor, ferem-se os nossos brios exegindo-se-nos baixezas infamantes, como se foramos um povo de escravos. Levantemo-nos, pois, e neste momento em que os antagonistas da raça latina nos ameaçam, penduraremos até melhores dias, nos galhos dos ibyra-

pitangas dos bosques, as harpas dos canticos divinos de Sião; e, accordando deste letargico entorpecimento que nos deshonra, lembremo-nos da patria que temos de deixar a nossos filhos talvez aló captivos dos bretões, que enriquecemos, prodigos, com o ouro da nossa terra !

Quizera a *Sociedade Propagadora das Bellas Artes do Rio de Janeiro* enviar-vos hoje, com as mais ardentes felicitações de regosijo e profunda estima, uma côroa de louros que symbolisasse o premio de vossas fadigas e esforços. Não pôde, porém, dar animos, e glorias, quem de animos e glorias necessita. Succumbindo ao peso das nevascas da indifferença publica, aº abandono de muitos, ao esquecimento de todos, pôde apenas dizer como alguns gregos o disseram ao Visconde de Chateaubriand, vendo-o passar em busca [da patria da poesia e da arte — *boa viagem* !

O septicismo lavra em todas as classes como um verbo de morte ! Somos um povo estranho, que a posteridade não poderá classificar na historia do universo.

Vivemos como perigrinos, sem o affecto do lar paterno e da familia, sem recordações saudosas do passado, sem fé no presente, sem esperanças no futuro ! Não ha o amor do que é nosso ; a patria é o bode emissario de todas

as loucuras do povo e do governo, tantas vezes sacrificada aos escribas do roubo, do saque e da pilhagem.

Não são terrores, nem descrenças panicas o que acobarda os empenhos do solar das letras e das artes; é a certeza de que a devoção do bello e do sublimeolveu-se em seita de pariás malditos! A cruzada dos filhos do trabalho é inutil, porque esta sociedade está eivada de um veneno mortifero do qual não ha viver. As flôres que e esmaltaram orvalhadas pelas aguas de aganippe, morrem ao sopro abrasador de um céo em brasa, que torrefica e queima porque o egoismo e a vaidade, o amor proprio, e a ganancia são os unicos penates desta raça infelizada e esteril, que tem por Deus o ouro e por altar a banca do mercado...

Para este culto as vestaes são interdictas; só ás sacerdotisas dos impuros banquetes de Babylonia, e das ruas da perdida Jerusalem, será dado sacrificar nas aras de tão indigno tabernaculo.

O que ha pois a esperar?... A onda negra do extermínio cresce de dia em dia; o oceano roda em caixões de espuma que ameaçam submergir os argonautas do progresso, e não haverá força que lhe resista!

Deixai passar a onda! A luta é impossivel

Os barbaros do norte na sua carreira alagaram e occidente, deslocando a civilisação, e só o tempo pôde vencer os seus estragos!

A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes não vem trazer-vos aqui, no esplendido banquete da vossa magestosa solemnidade, o ramo do cipreste, ou da casuarina gemente, porque ella não quer para si o encargo dos arautos da morte. Mas assim como sobre o altar do banquete Egypcio assentava-se o sarcófago da mumia, que na mudez dos tumulos, recordava aos convivas do festim a nulidade da vida e assim como na vetusta Roma pelas ruas e pelas praças, caminhava o guerreiro vencedor, tendo ao lado o escravo e a caveira que lhe lembravam a mizeria e a morte, assim também ao lado dos que vivem e sentem, seja agora permitido aparecer o cadáver do que foi.

O soldado muriibundo que agoniza á beira do sepulchro, abençoa muitas vezes aquelles que trabalham nas torres derrocadas pelos inimigos da patria.

A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes curvada de respeito e reverente pela vossa pertinacia, sacerdotisa das lettras e das artes, vos felicita, porque sem cuidardes da mizeria que nos opprime no realismo da vida, na decadencia de tudo o que é nobre e santo

vos elevais acima do commun e vos engrandeceis pela vossa fé, coragem indisivel do talento e do estudo que se admira sem poder comprehendel-a.

Duvidando, porém, da actualidade, e do futuro da existencia das associações no Brasil, que não as avalia, nem protege, lamenta-se e chora o tempo e os esforços perdidos na cultura de tão frondosa arvore em chão agreste e inhospito; mas, admirando a vossa coragem n'um tempo de interesses individuaes, e o assiduo labor em que vos enobreceis, vos cumprimenta e vos deseja um dia perenne e placido, porque vós representais, com a flôr da mocidade brasileira, um dos grandes elementos de prosperidade e de gloria nacional.

Rio 1º. de Janeiro de 1863.

ESCOLAS DA GLÓRIA

ESCOLAS DA GLORIA.

Senhor.—A base estavel e duradoura de um governo livre, é a instrucção popular ; sem ella não se comprehende a liberdade, nem se estimam as instituições do paiz.

Entre os que obedecem e os que executam a lei, ha necessidade de uma união profunda, que, para ser duradoura tem de viver da convicção geral que nutrir o povo acerca da importancia dos seus direitos e da religião dos seus deveres.

Só o ensino vulgariza as idéas ; e só a cooperação de todos para o bem geral pôde auxiliar a administração no engrandecimento nacional.

A escola é o tabernaculo onde se ouve pelo estudo a palavra sagrada da escriptura, banindo a ignorancia. Pelo ensino é que se despertam as mais elevadas aspirações...

* Discurso pronunciado por occasião de entregar a S. M. o Imperador o edifício das escolas de instrução primária da freguesia de N. Sra. da Glória na praça Duque de Caxias.

Na educação popular presiste a soberania dos governos livres. O povo comprehendendo a sua missão moral perante a sociedade e o seu fim perante a humanidade, sabe que pelo estudo e pelo trabalho adquire os direitos de transpôr dos misteres mais obscuros da sociedade aos encargos mais distintos da governação politica. Os povos mais ignorantes e mais grosseiros sempre foram os mais viciosos e corrompidos...

A educação nacional, garantida para todos, corresponde á soberania das liberdades do povo no governo representativo.

As sociedades modernas, distintas do passado pelos nobres sentimentos que caracterizam a sua physionomia, peculiar da civilisação christã, têm ultimamente olhado com desuzado interesse para a educação intellectual dos povos como uberrimo elemento de paz, de trabalho e de respeito ao principio geral da autoridade.

Elevando-se pela educação o sentimento da dignidade do povo, decahe o espirito de servilismo e de escravidão, que se filia no abatimento dos espiritos fracos; melhorando-se as condições intimas do viver do vulgo, que constitue a maioria da nação, surge de seu proprio seio o elemento vivificante da sua regeneração moral. Os laços da familia, o amor da patria e da humanidade, isentos das paixões vulgares, ennobrecem-se aos olhos da propria consciencia.

O grande problema da sociedade moderna, o remedio para todos os males que ameaçam um Estado, diz o Sr. Mariano Carderera, está simplesmente na educação do povo; e V. Magestade que no seu amor paternal não sabe escusar-se aos seus deveres de rei e de cidadão, conhecendo melhor do que ninguem as necessidades do seu povo, resolve pela firmeza da sua vontade sempre acrisolada em uma dedicação perenne, esse grande problema nacional; e, instituindo escolas, pede a todos a instrucção publica.

Celebrando o acto solemne em que V. Magestade lançava nas fundações deste edificio a sua primeira pedra, tive occasião de dizer: Quando uma sociedade não está preparada para receber a transformação inevitável de uma nova serie de idéas, ou desenvolver um principio, nem o principio nem o sistema daquellas idéas frutificam.

O Estado vai dobrar um cabo de tormentas, mais proceloso do que o do celebrado Adamastor. Os elementos primordiaes do seu trabalho modificam-se; é livre todo homem que nasce no Brazil; e n'um paiz onde fulgura a liberdade não pôde admittir-se uma população ignorante, fanatica e brutal.

A escola para o povo é o berço d'onde hão de erguer-se os heróes que têm de engrandecer e abrillantar a patria.

Não se podia dizer a Lazaro:—*ergue-te e caminha*, sem se ter a virtude do milagre; e essa virtude para o Lazaro do espirito, merguihado no tumulo da ignorancia, é a instrucção cuidadosa e paternal, que define e caracterisa o governo de um paiz.

Um povo illustrado tem sempre no amago do seu peito um coração mais ávido para sentir tudo quanto é grande e justo, porque bate, palpita e arde pela gloria e pela liberdade.

A vida dissoluta e o orgulho de todos os tyrannos crescera'n e alimentaram-se nas trevas da crassa ignorancia daquelles tempos; escuridão mephitica de um ergastulo em cuja lage se agrilhoava o talento e a civilisação.

A instrucção popular do Brazil dirigida com o discernimento que se deve ao futuro da patria, ha de exercer poderosa e inevitavel influencia no melhoramento da industria, da sciencia e da arte.

De todas as glorias de V. Magestade, de todas as nobres aspirações que tenham enriquecido o seu espirito de rei, e bem assim de todas as nobres ambições de paiz e de cidadão que pensa e cuida no futuro de seus filhos, nenhuma por certo elevará tão alto o nome illustre de V. Magestade, como a generosa idéa de fundar escolas publicas; nucleos d'onde hão de surgir os melhores obreiros do futuro do Brazil.

Instituições deste genero, edificios onde o povo se prepare para ser util a si e à patria no progressivo aperfeiçoamento das classes laboriosas, por maior que seja o seu custo, não são mais do que emprestimos feitos ao povo, e que o povo paga com subida generosidade, contribuindo por si e por aquelles que representarem a posteridade, com os juros capitalisados de seu premio, que de muito excede ao capital que o governo empresta naquelle applicação.

Entretanto, Senhor, não falta quem diga: é luxuoso; está fóra da sua applicação; é um palacio ! ! . . Sim ! de certo . . . não foi planejado nos moldes conhecidos do *cortiço*, morada onde se atrophia a existencia do pobre, mas a unica a que tem elle direito passados os dias da eleição nas portas dos comicios.

Quem escapa à censura, à inveja e à calunia ? !

E' a historia de todos os tempos, de todas as idéas; a corôa de espinhos de todas as virtudes.

Desde Socrates até Christo, desde Galilêo até Malesherbes a recompensa dos que disseram a verdade, do direito, e dos que tiveram uma idéa foi o martyrio e o patibulo.

Mas a posteridade que julga sem paixões, ha de lavrar a sentença de justiça....

Sim ! . . . mas . . . as glorias que vem tarde já vem frias !! A posteridade não é mais do que

uma restêa de luz alumiano de longe as cinzas de um cadaver que se affunda no esquecimento dos seculos, na podridão do cemiterio...

O cumprimento de um dever não leva ao sacrificio. O homem que vê e sente que lhe assassinam o que tem mais puro, que lhe roubam o que tem mais sagrado, se olha em derredor de si e não vê um rosto amigo, nem uma mão poderosa que o salve, recolhe-se ao mundo interior da consciencia e como Cesar embrulhando-se na toga do homicida não se defende e pede a morte...

Nem todos, Senhor, têm a gloria de V. Magestade que, ouvindo ainda a harmonia das palavras de sua iniciativa, já está recebendo no intimo de sua alma, de philosopho e de pai, a satisfação de ver inaugurar-se o primeiro monumento consagrado à realização de sua tão bella idéa.

Graças, Senhor, graças a V. Magestade! . . .

Só busca divulgar a instrucção quem não a teme. A tyrannia e o fanatismo jámais a promoveram. A instrucção é a luz do entendimento; é a força racional do povo que, sem lutas sanguinosas, sem transições violentas, abate o erro e o despotismo.

A civilisação caminha levada pelo cavallo dynamico do vapor, pela scentelha veloz do telegrapho e não há marcos para ella!

As aldeas e villas volvem-se de um dia para outro em cidades e imperios. O florescimento brilhante do futuro depende, porém, dos esforços assizados do presente. A nação, como o lavrador, não pôde colher o fructo necessário para a vida se não lavra o chão onde semeia.

Instruir o povo, eleval-o ás mais altas aspirações de uma nacionalidade, mostrar-lhe o que é e o que vale para a patria e para Deus, é pois o unico meio de fazer de uma época vulgar, pallida e descrente, um seculo de actividade, de progresso e de grandezas...

As obrigações do meu cargo de architecto deste edificio, destinado por V. M. Imperial para escolas publicas de instrucción primaria da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, impõem-me o honroso dever de dirigir-me, hoje a V. Magestade para, curvado de respeito, e solicitando perdão para os erros da minha ignorancia artistica, entregar a V. Magestade, sempre magnanimo e indulgente, o primeiro monumento que o governo imperial consagra á perpetuidade de uma grande idéa.

Ao lado de V. Magestade e como governo no ministerio do imperio, cabe ao Sr. conselheiro João Alfredo a gloria incontestavel de haver realizado de um modo digno do futuro gigante desta parte do novo mundo, uma das mais generosas idéas do segundo reinado.

Honrado com a escolha de S. Ex., embora conhecendo a pobreza das minhas habilitações architectonicas, que não passam das que se recebem nas escolas do paiz, unicas que pude frequentar, não tendo visto nem estudado na velha Europa os bons modelos, os grandes edificios e nem ouvido os grandes mestres, busquei fazer quanto em mim cabia; e é por isso mesmo que devo confessar publicamente, em homenagem á verdade, que encarregando-me de projectar e dirigir a execução deste edificio, não fui coagido no trabalho por nenhuma exigencia desarrazoada do governo, e que todos os erros d'arte encontrados aqui são filhos da minha propria ignorancia.

Entregando, hoje terminado este edificio, o primeiro dos que S. Ex. destinou á commemoração da magnanima idéa de V. Magestade, devo do intimo d'alma agradecer a S. Ex. as inequivocas provas de estima e de confiança com que approuve distinguir-me, honrando-me com a sua amizade, a melhor recompensa que eu podia ambicionar.

Aos reis e aos ministros não faltam hymnos e louvores, não pelo que hajam feito ou pelo que se tenha delles recebido, mas pelas graças e favores que se podem auferir, ou ainda esperar do seu valor; o meu caracter, porém, tão independente quanto despretencioso, salvando-me da

pecha de adulador, isenta-me tambem do papel de thuriferario dos ministros ou das summidades do tempo, tanto mais quanto prematuramente envelhecido, ja não tenho no meu animo nenhuma das ambições que outr' ora povoavam as fantazias do meu espirito...

O nome do conselheiro João Alfredo está ligado á existencia destas obras e aqui fica para sempre... Em cada cornija, em cada lanço de muro, em cada lavor da arte, ha um letra, uma syllaba ou uma phrase do hymno de gratidão que a mocidade do paiz, cidadãos do futuro, hão de entoar ás glorias de S. Ex.

Promover a fundação de edificios nacionaes, desses que contam a sua existencia por seculos de duração e dedicados ao ensino do povo, é sem duvida o mais seguro empenho a que pode entre-gar-se no nosso tempo e no nosso paiz, um ministro illustrado e intelligente.

Oxalá que para o futuro seja esta a mais insignificante de quantas escolas se tenham feito para o Estado.

As escolas, dizia o commissario da *Birmin-gham Leage* ao redactor do *Times*, devem offercer ás crianças encantos que as attrajam. Comparando a pobreza e nudez das suas habitações com a belleza e as commodidades das escolas, as crianças devem necessariamente preferir a escola á sua casa ; e essa preferencia

por amor da commodidade redundará sempre em proveito do ensino, pois, o apêgo á escola desenvolve o gosto pelo estudo! . . .

Instituir escolas decentes, compatíveis com o futuro deste imperio, onde com o estudo das letras se aprenda tambem aquelle amor do bello e do justo de que fallava Platão e pedia para os filhos de Athenas, é concorrer para a felicidade do povo felicitando a patria.

Reunindo neste edificio, á escola de meninos e de meninas uma *bibliotheca popular*, uma sala de conferencias e posto vacinico, promoveu S. Ex. a realisação de um monumento que, embora despido dos esplendores da arte e dos rasgos de algum talento superior, ha de lembrar por muito tempo o amor que S. Ex. consagra á causa publica, realisando os desejos de V. M. Imperial que serão para o futuro, os mais solemnes testemunhos do patriotismo e do culto á sciencia e da liberdade que V. Magestade tributa ao presente e ao porvir da nossa patria.

ESCOLA NORMAL

ESCOLA NORMAL⁽¹⁾

O genero humano progride, porque o progresso é uma condição impreterivel da sua existencia.

ALEXANDRE HERCULANO.

Imperial Senhora.—Do meio do estampido assombroso das revoluções, d'onde surgem ás vezes as liberdades civicas de uma nação, surge tambem muitas vezes de envolta com ellas, desnudada dos principios abeternos da ordem, da simetria e do equilibrio, a anarchia apaixonada dos desvarios publicos, que promovendo a queda dos thronos e a destruição das gentes, eleva em estandarte de extermínio o tenebroso painel da degradação do povo, agro prenuncio da vinda das calamidades publicas, do roubo e do assassinato, ou, o que é peior ainda, a queda inevitavel das dignidades moraes da sociedade, ao pavoroso abysmo da miseria nacional.

O anno de 1848, que vio a Europa, ou antes

(1) Discurso pronunciado em 2 de Dezembro de 1876.

o coração do mundo, agitado no meio das funestas conturbações do espirito publico, e que, nos devaneios da agitação popular, testemunhou, como outr'ora o anno de 1793, as perniciosas theorias de uma absurda e tyrannica liberdade, foi a época que melhor caracterisou esses inesperados acontecimentos de uma revolução nacional.

Derrocando-se uma monarchia illustre, sacrificaram-se tambem em tetrico holocausto milhares de existencias uteis e valorosas, que grandes serviços poderiam ter prestado ao direito da liberdade, suprema aspiração dos espiritos elevados, se a colera das paixões e a crassa ignorancia dos principios dos direitos da lei na tranquillidade da justiça e do poder da palavra que defende, propaga e sustenta uma idéa, não tivessem sido os arautos dessa horrivel, sanguinolenta e brutal hecatombe !...

A profunda ignorancia do povo, o enfraquecimento da moralidade e a ausencia dos verdadeiros principios da religião que transportam a alma ás altas convicções do espiritualismo, modificando pelo conhecimento da verdade as funestas tendencias peccaminosas do erro, foram as fontes donde emanou a serie desencadeada desses temerarios e audaciosos acontecimentos.

Nas lutas acerbas das revoluções do povo, os limites do justo desapparecem ; à razão precipita-se no abysmo insondavel das paixões, e com

ella lá vai ao mundo infinito dos desvarios, a virtude, a moralidade, e até os mesmos direitos porque se propugnava, nas angustias dilacerantes de tão tremendas convulsões.

Debellar, portanto, a natural perturbação dos espiritos incultos, combater os vicios e os crimes que são partilha inseparável do povo ignaro e rude, constituindo-o em uma nação illustre e respeitavel, sem ostentações, nem delirios fatuos e ridiculos de superioridade de raça ; e fazê-lo, deste modo, suave e pacificamente, sem azafamas, nem matinadas burlescas, oppondo somente ás ideas baixas e vis da creatura ignorante a idéa moral dos principios da virtude, pela virtude, promovendo a educação intellectual que abre as portas da sciencia e do trabalho artistico e industrial ao dominio esclarecido do saber, é por certo a mais nobre e digna de todas as missões de um governo patriotico, de um rei amigo do povo e das liberdades nacionaes.

Dominar a ignorancia, abrindo as largas portas do estudo, que leva a creatura á posição de principe da creaçao divina ; educar tanto o menino como o operario, tanto o cidadão já feito como o que ha de ser ; repartir o succulento pão do indeclinavel saber da instrucção primaria, indispensavel a todos, e que é uma especie de guia que conduz a vontade ao caminho da razão e à pratica do justo e do honesto ; revelar ao

homem inculto o pleno conhecimento das verdades da creaçao, as immutaveis leis pelas quaes se rege o universo ; habilital-o a descer ao amago do mundo da existencia definida e dahi eleval-o até ás altas regiões do infinito, onde se encontram as verdades eternas, Deus e a immortalidade, é inquestionavelmente felicitar os seus concidadãos e abrir espaço ás nobres tendencias do espirito, pugnando pela causa da civilisaçao no engrandecimento moral da creatura.

A instrucçao é o maravilhoso instrumento que activa, adoça e abrilihanta as faculdades do entendimento, enriquecendo-as da luz sublime que allumia os reconditos segredos da creaçao divina. Assim, o governo que promove a illustração de um povo é um governo livre, que quer governar com a consciencia da liberdade, ao sol radioso da discussão e dos direitos inconcussos da lei.

A politica moderna, representante natural do espirito do seculo, cheia de novas idéas transformou as forças populares, que se perdiham nos ergástulos de um absolutismo desolador, em um elemento de felicidade. O poder do chefe do governo, na evidencia da força nacional, não provém do céo, mas sim dos homens, e a sua autoridade, aliás imprescindivel, não é mais um mysterio imcomprehensivel da Providencia, mas sim a natural e humana necessidade de um povo que se constituiu em sociedade.

A civilisação caminha, buscando a perfectibilidade da administração e da politica ; e por isso é mais glorioso ser o rei amado na liberdade da estima e do sentimento filial do povo a que preside, do que temido por escravos que o odeiam.

Quem educa o povo quebra nas mãos ensanguentadas da anarchia as armas da revolução. A cabeça de Meduza, que aterra os governos e os monarchas, cahe feita pedaços quando no throno da realeza se assenta, com o nobre contingente de todas as virtudes civicas e domesticas, um monarcha illustre, um coração benigno e paternal, um soldado da civilisação e da liberdade.

A previsão politica de um governo intelligent leva o chefe de um estado a encarar de frente e desapaixonadamente a marcha dos acontecimentos sociaes, as aspirações do espirito publico, as audaciosas tentativas do erro, e guiando a onda da inquietação popular que referve em caixões de espuma, não deixa que ella se desfaça de encontro ao direito dos povos, que é o futuro das nações. Os governos illustrados e prudentes são como os chimicos, que até dos proprios venenos fazem especifico para a vida.

O seculo actual, ambicioso de saber e de gloria caminha, oscillando entre os dous grandes problemas da philosophia social—os melhoramentos materiaes e a perfeição intellectual; questões

que se resolvem e se modifcam por novas hypotheses, na impetuosa conquista a que a humanidade se atira, no vertiginoso correr do *wagon*, na assombrosa comunicação da electricidade, na plena liberdade das idéas, no avassalar dos dominios da sciencia, prescrutando os intimos mysterios dos astros, as immutaveis leis da Providencia Divina, os segredos da esplendida e infinita amplidão do universo... .

Neste paiz unico, onde tudo é extraordinario e estranho, onde o inesperado é a logica, onde a Providencia é tudo, só ha a necessidade de desenvolver a aptidão, a actividade e o talento nacional, d'onde hão de irradiar-se os esplendores da preclara e esclarecida intelligencia brazileira.

No espirito publico começa a germinar a duvida, a descrença que surge das forças contradictorias das paixões accesas no altar do domínio politico, e convém estirpal-a..

Os amigos da patria, Imperial Senhora, são o Imperador, o governo, o cidadão,—são os homens do povo que buscam educar por todos os modos possiveis os meninos e os adultos ; os orphãos e os felizes, os nacionaes e os estrangeiros ; tudo, em fim, que constitue este Imperio, que o sustenta e o defende, que o representa hoje no presente e amanhã nos applausos do futuro.

A educação é grande como o sol; immensa como

a luz ; esplendores de Deus e fontes de immaculado prazer para as criaturas.

A fundação desta escola, da qual me tocou a boa fortuna de projectar-lhe o edifício, proporcionou-me a elevada honra de dirigir-me a Vossa Alteza, neste dia augusto e caro a todos os brasileiros, no qual assim se commemora a felicidade de mais um anniversario da existencia gloriosa e magnanima do Sr. D. Pedro II, que, presidindo aos destinos deste Imperio, é, pela sua illustração e pelo amor acrysolado de seu coração de brasileiro, o mais notavel e o primeiro de todos os operarios do ensino das letras nacionaes.

Nem melhor dia pudéra ser designado ou preferido para esta festa, toda do povo e do paiz, do que o dia anniversario do Imperador, do cidadão honesto e virtuoso, em cujas mãos nem a deshonra das faltas de homem, nem o azinhavre da ambição pecuniaria, jámais deixáram a mais insignificante nodoa.

E que mais delicada manifestação de saudade e de amor de filha e de Regente, depositária da sua autoridade, podia ser hoje dada por Vossa Alteza, do que vir por si propria, cheia de gentileza, collocar a pedra fundamental de mais um edifício dedicado ao ensino publico, decidido empenho de Sua Magestade o Imperador ?

No mimoso sentimento de mulher, que, saben-

do ser mãe, sabe ser filha, Vossa Alteza realiza aqui um grande fim para o seu extremoso coração.

Felicitando o povo de hoje, que deste medo se engrandece nas glórias do futuro, funda Vossa Alteza neste edifício uma escola para os professores da geração por vir, que mais tarde gozará a ventura de ser dirigida pelo augusto Príncipe do Grão-Pará, herdeiro natural dos proeminentes dotes que distinguem, sobrelevam e enriquecem os monarcas do Brasil.

Sr. Ministro.—Cabe hoje a V. Ex. uma das mais profundas satisfações que se podem alcançar na vida pública, qual é a de poder dar vulto e fôrma a uma idéa que se enunciou, dominado pelos sentimentos íntimos do bem.

No relatório que V. Ex. em 1872, na qualidade de inspector da instrução pública, dirigiu ao benemerito ministro do império o Sr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, que naquelle tempo administrava a pasta que ora está confiada a V. Ex., acha-se o formal pedido desta utilíssima e indispensável criação.

Já ali, dizia V. Ex.: « Não temos ainda uma escola normal em que sejam os discípulos-mestres instruídos nas matérias especiais da methodologia e pedagogia, que constituem o orgulho das nações que se consideram na vanguarda da civilização. »

Hoje, porém, goza V. Ex. o intimo prazer de vir aqui authenticar com sua presençā a collocação da primeira pedra do edificio onde deve funcionar essa escola, creira por V. Ex. e que será, sem duvida, o melhor de todos os actos da sua moderada administração.

A construcçāo de edificios nacionaes, que são o testemunho do adiantamento do povo, a prova dos cuidados do governo e do que vale a lei e o Estado, revela melhor do que todas as outras manifestações da vida social, qual é a civilisaçāo do paiz, e a que grao de superioridade têm attingido as artes.

Construir, porém, ás cégas, perpetuando, com o prejuizo dos dinheiros publicos, a ausencia do gosto e do conhecimento do —bello—em aleijões monstruosos, em caixões de pedra e cal, fructos peccaminosos da ignorancia atrevida e pétulante que se erige em architecto para nos comprometter perante a posteridade, é um erro imperdoavel, principalmente quando ha no paiz uma academia e architectos capazes de cumprir os desejos do governo.

José Clemente Pereira, esse notabilissimo cidadão, que, por si só, soube levantar na capital do Imperio os dous mais grandiosos edificios do Brazil que se confiaram á direcçāo de architectos, escreveu em caracteres de granito indestructiveis á accāo de muitos seculos o seu nome

é o do generoso monarca que lhe bafejava esse nobre empenho.

Agradecendo, pois, a V. Ex. a subida confiança que em mim depositou, encarregando-me de planejar o primeiro edifício que V. Ex. manda construir durante o seu ministerio, consinta V. Ex. que, em nome da academia e da arte, que aqui represento, eu testemunhe os mais profundos votos de nossa gratidão.

Serenissima Senhora.— Está solemnemente lançada a pedra fundamental do edifício da escola normal desta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

A semente germinará, e da arvore frondosa do estudo o céo ha de permittir que nasçam flôres lindas e venham fructos sazonados e doces que engrandeçam o povo e o imperio brazileiro. Glória, senhora, Glória ao Imperador!...

1876.

BOSQUEJOS ARTISTICOS

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO INEDITO)

O Poeta e o Artista

L'artiste ou le poete est une créature privilégié qui a la haute mission de realiser le rêve de Dieu.

A. HAUSSAYE.

O mimoso alvorecer de uma manhã da primavera, o aromatico desabrochar das baunilhas e resedás, das rosas e boninas em trepadeiras de açucenal gentil, o alear da garça entrelaçada com os flócos da espuma do occeano branqueado pelo espadanar das ondas que se rebentam nas pedras do recife, o vaporoso crepusculo de uma tarde formosa do verão, um horisonte limpido entre o azul que surge e a purpura que se esvæe, a claridade serena e melancolica da lua a esmaltar as arêas de uma restinga immensa que vai lá ao longe unir-se com a brilhante ardentia das aguas do mar, — as cōres prismaticas e fugidias do iris, as nuvens e o sol, as plantas e as flôres, o scintillar fosforecente dos pyrilampos, como almenaras da natureza, ou lemures perdidos nas planicies, o ar tepido e balsamico do amanhecer

do estio sob um céo diaphano e puro, tudo, tudo isto falla de uma poesia suave, aprazivel, meiga e doce que só os poetas e os artistas sabem ver, sentir, comprehendere e revelar aos outros homens.

As louras sylphides que nos pincaros da Caledonia, em febris adejos, por alta noite vagueiam entre as neblinas phantasticas das visões ossianicas;—esses anjos formosos de Guido e de Raphael que parecem ter descido á terra para lembrarem a quem os contempla os sonhados gozos de outra vida melhor,— os canticos melodiosos das monjas do asceterio a reboarem pelas naves ogivaes dos conventos do deserto; os acordes saudosos e inefaveis do orgão, ungidos das harmonias de David, a perderem-se na aridez monotona do inverno que ruge nos descampados da serra;—essas ficções poeticas do idealismo em que a alma se embevece, admirada da sublime magestade da natureza nos divinos espectaculos da creaçao, e se eleva a Deus em orações mysticas, como do thuribulo do altar os alvacentos fumos do cheiroso incenso; tudo, tudo isto falla de uma belleza intima, profunda, etheria e santa que só os poetas e os artistas sabem ver, sentir, comprehendere e revelar aos outros homens.

O cantar estranho, mavioso ou estridente das lindas aves das nossas mattas, o trinado gorgeio

dos passarinhos por entre moutas de jardins ridentes, o timido murmurejar da languida ribeirinha, o susurro do caudaloso baque das cascatas, — o farfalhar das folhas que a brisa espalha por sobre o mimoso tapiz da verdejante relva, — o sibilar do vento sul por entre os frondosos ramos das garahunas e dos jequitibás, as lagrimas crystallinas do orvalho, como aljofares, pregadas nos largos leques das bananeiras, as noites trevosas da procella que estalla pela cumiada dos zimbórios e pelo topo das cruzes, — a luz assombrosa, electrica e terrifica do raio a alvejar os élmos e paquifes desses vaporosos gigantes, que, acastellados em torreões de nuvens, parecem querer escalar o firmamento, — o bater pertinaz, constante, eterno, mas ora manso, ora raivoso das ondas, que se quebram de encontro ás pedras da encosta da barbacan, tudo, tudo isto falla de um poder divino, bom, terno, ardente, grande, immenso e perpetuo que só os poetas e os artistas sabem ver, sentir, comprehender e revelar aos outros homens !

Organisações sensiveis, almas crentes, elementos de amôr e fé, illuminados por uma scentalha da luz sublime do Eterno ; meteóros que se levantam na terra, como um raio do sol por entre as frias nevoas das montanhas de gelo, somem-se apenas mal nascidas, como as faiscas

de uma fogueira ingente que o vendaval espalha por um campo secco e tetrico.

Filhos do céo ! a exquisita sensibilidade do seu ser os consome nos labores pyritosos do espirito. Mariposas fugazes, ligeiras passam, consumidas nas aras do sacrificio, como o fulgir da estrella que se afunda na escuridão das trevas...

Vocações entusiasticas, corações de fogo, a sua essencia os queima nas proprias chamas do seu arder perenne, como as poeticas rosas de Malherbe que apenas despontadas na manhã de um dia, já resequidas, sem cheiro, desfolhadas sobre o pó do chão as encontra o descambiar da tarde.

Astros sem zenith, o egoismo de uns, a soberba de outros, a diferença de todos, como as nuvens da procella ás crysolithas do firmamento cegam-lhes o magestoso clarão do genio com que deviam abrillantar o mundo.

Dias sem manhãs,—manhãs sem tardes,—á aurora segue-se-lhe a noite; e as brumas da eternidade são o tabernaculo em que se escondem para sempre.

Flores ephemeras, o *simumon* da desgraça com seu halito flammigero lhe queima as assetinadas petalas, que murchas pendem na haste resequida; —a mesma terra do berço é a cova da sepultura !

Nas vigilias laboriosas do espirito o talento do artista e do poeta, abrindo as azas, desprendendo

os vôos em que se eleva ás regiões da divindade, procurando o sol da eterna luz,—verdadeiro Icaro da fabula—os hymnos da sua gloriosa ascensão são o epicedio do seu aniquilamento.

Pujanças da humanidade! triumphos de um dia! apenas mal nascidos como vozes de animação em noites de combate, desapercebidos morrem na pocema infesta de uma geração avarenta que se encharca no lôdo de um egoismo iniquo, alheia a tudo o que falla da poesia e da arte.

Victimas das exigencias e dos caprichos do publico, que amam com o delirio intenso e arrebatado da paixão,—o artista e o poeta atiram-se á liça do combate, esforçam-se na luta, e, escravos do sentimento, arroubados pelos applausos da turba, cégos, loucos alli vão trocar a vida por uma palavra ás vezes, um louvor ephemero que se esquece logo, palmas, bravos, que o vento leva além perdidos—como o écho de um soido fraco que ninguem escuta.

Evocando novos mundos do increado cahos do espirito, esquecidos de sua pequenhez material, ambicionando o poder da divindade, para darem ás suas obras o cunho da perfeição, cahem fulminados pelos raios do Olympo, e, como os Títans, esmagados sob o peso das montanhas que moviam...

Miserrimos artistas e poetas, Pigmaleões modernos, captivos do amôr do bello, pedindo ao

céo um raio daquelle fogo sagrado que dá alento e vida, afogados n'um oceano de irremediavel scepticismo, vendo cahir-lhes, uma a uma, como lagrimas dos olhos, as desbotadas illusões da gloria, morrem sem ter sequer com que comprar o pedaço de terra em que devem repousar eternamente !...

Oh! sonhos das douradas crenças da juventude, auroras boreaes de um só instante ; a gloria dos poetas e dos artistas passa e se dissipá como a vaporosa neblina do inverno ao despontar do dia, ou como o som longiquo de um cantar maritimo que se esváe lá na extrema do horizonte.

Glorias de poetas e de artistas, visões da grandes almas, o que sois ? !

Sombras de aves que se deslisam á tona de um christalino lago ;—rosas, louros, que, salpicados pela baba da inveja e do insulto, o tempo desfolha e sécca sobre a campa dos finados ;—goivos que a mão piedosa dos amigos pendura ás vezes nos braços de uma cruz funéria, em cujo emblema se lê então um nome do ser que foi, mas que já não é....

Mais tarde, revolvida a cova, atirados ao canto do cemiterio, n'um monte de ossos, já por todos esquecidos, o que resta do poeta e do artista ?...

Resta apenas na terra o esquecimento.... o nada...e além—Deus e a eternidade!...

A poesia e a arte.

L'art ne doit jamais être considéré qui dans ses rapports avec la beauté idéale.

A. de Vigny.

A poesia e a arte são duas irmãs formosas, tão angelicas e sensiveis, tão sympathicas e homogenias, tão altamente identicas e semelhantes entre si, que a natureza, por uma organisação excepcional, reunindo-as no mesmo ser infinito, fez, simultaneamente, depender a vida e o desenvolvimento de uma da existencia e do progresso da outra...

A inspiração e o trabalho, a idéa e a obra,—a belleza do pensamento e a da forma,—o sentimento e a graça, dependem tão intimamente de uma e de outra, como o espirito depende da materia, como a materia depende do espirito.

Da accão mutua destes dois elementos tão unicos e iguaes, isto é, da applicação da poesia à arte e da arte à poesia,—é que a inspiração conduz a alma da idéa à concepção,—da con-

cepção à revelação,—da revelação á forma,—da forma á regularidade,—da regularidade á harmonia, á elegancia, á conformidade de cada uma dessas partes de um todo proporcionado e bello que se chama um poema ou um edificio,—uma ópera ou uma estatua,—um drama ou um painel,—uma óde ou uma columna,—um verso ou uma melodia...

Da juncção da belleza moral ou esthetica, á belleza optica ou sensivel,nascem as obras primas do poeta e do artista:—tudo o que ha mais puro e nobre no sentimento das paixões do homem, e mais bello e digno nos arroubos do talento...

« A poesia diz Lamartine, é o que o homem tem mais intimo no coração e mais divino no pensamento,— o que a natureza visivel tem mais bello nas imagens e mais melodioso nos sons.»

Como um balsamo destinado por Deos para suavisar e extinguir todas as dôres d'almia, ella derrama-se do empyreo, por sobre a natureza inteira , no florir dos campos, no sazonar dos fructos, no cahir das folhas, no regelar do inverno, no alcantilado das montanhas gigantes, na escuridão das cavernas basálticas corroidas do bater do mar,—nos effluvios aromaticos e inebriantes das magnolias e dos cactos, das açucenas e jasmins, na singeleza campestre da casinha de sapé a esconder-se por entre cópas de pomar vistoso, no gemer das casuarinas, no queixume

saudoso do arroio limpido que se desliza por entre seixos e verdores do arenoso leito, na luz anri-cerulea, mirifica, etherea e omnipotente do astro-rei, brilhante e viva ao despertar das brisas da manhã, sombria e merencoria ao descerrar das palpebras somnolentas das noites calmosas do equador,—nos reflexos pallidos e frios da lua, que vaga perdida e triste pelo siderio alfazar do céo azul sem nuvens a retratar-se no espelho das aguas immoveis da lagôa ou lá deitada nas orlas do oriente em coxins de prata, e no extremo adeos a fallar de um bem sem termo, de um gozo estranho, incognito, seraphico e mysterioso...

Linguagem do sentimento, écho melodioso dos affectos intimos, reflexo explendente das mais candidas aspirações da alma,—a poesia é o calor benigno que anima e enche de fulgores cambiantes os esperançosos sonhos do poeta e do artista, é o fogo sagrado que abrilihanta a intelligencia e purifica o coração...

Imagen do infinito sobre a terra,—a poesia, como vôo espontaneo do espirito, não se restringe ao presente nem se encerra na limitada esphera da materialidade; rompendo o espaço, sem temer as alturas a que se eleva, equilibrada nas azas da phantazia, vai abrigar-se no seio de Deus, rodeada de todas as harmonias do éden e alumuada dessa luz divina do espiri-

tualismo que é o maravilhoso sol da immortalidade.

« E quando tudo extinguir-se,
Guardará Deus na lembrança
De tudo, que agora existe,
Uma viva semelhança,
Essa image' a Deus presente
Serás tu, oh! Poesia! ...»

(G. DE MAGALHÃES.)

Genio da mocidade; amor e vida das criaturas, horizonte donde se descobre o céo e os cherubins, a natureza inteira na explendida magestade de seu ser, não é senão um hymno à sua essencia olympica e sempiterna...

Para a vida ascetica da arte, para o idéalista, para os homens do mundo do pensamento, a poesia é a unica realidade a que se pôde attingir na terra.

Magia do paraíso, poder assombroso da divindade,—sonho do Eterno, a poesia como um éther puro que se espalhasse no ambiente mystico da vitalidade, orvalha de um perfume angelico, de uma luz phantastica e serena tudo o que ha de bom e justo nas producções da natureza e da arte,—é a encarnação do ser divino, assim como a arte é o complemento do ser humano.

Abrigo eterno para os dissabores do coração, phanal de esperança e fé em noites de agonia,—poesia e arte, vós sois a revelação do infinito e da eternidade de Deus no limitado ambito da existencia material.

Filha dilecta da sensibilidade do espirito, producto consentaneo do sentimento e da razão, a arte, como intermediaria da natureza moral e da natureza physica, é a possança do genio do poeta, que, servindo-se desta para revelar aquella, — que é a inspiração do seu trabalho, communica aos outros por uma linguagem omnipatente a emoção da vida inventativa e febril que se passa na imaginação do artista, reproduzindo-a sob uma fórmula sensivel, bella e verdadeira em si, tão real e positiva que exerce sobre os sentidos, antes de chegar ao *eu* do observador, sensações doces e agradaveis que fallando aos olhos e aos ouvidos, vão refletir-se-lhe n'alma, como a luz na lamina photographica, para não passarem como uma visão fugitiva e ephemera.

Para isto formou Deus na organisação excepcional do poeta e do artista, — que o vulgo nem comprehende, duas faculdades creadoras, — uma para a belleza da inspiração conceptiva, outra para a belleza do trabalho da fórmula. Como se tivessem duas almas, elles sentem em si, ao mesmo tempo, a idéa que germina e a imagem da obra a produzir-se tal qual devu aparecer, completa na especialidade em que se revela. Espírito e materia, visão e symbolo, — pensamento e obra, — poeta e operario, — verbo e paciente, tudo existe n'elles como dependencia ou complemento do seu ser moral.

Exprimindo sempre uma idéa, a arte, como essencia do sentimento intimo e da belleza espalhada na amplitude da natureza exterior, mostra-se na magestade da concepção que captiva a intelligencia, e na perfeição da fórmā que captiva os olhos e os ouvidos, — ella transporta o espirito ás regiões do sublime, e penetrando com elle nesse mundo de bellezas, idéaes, fal-o conhecer a perfeição infinita, resultado do acordo do estudo da natureza, idéalisada, purificada, reduzida a uma imagem harmoniosa, resplandecente e livre dos accidentes da criação que enfeia o mundo real.

Quem não vê na *transfiguração* de Urbino, no *Apollo Pythio*, nas *Bôdas de Canaã* de Paulo Veronez, na *Creação* de Haydn, no *D. João de Mosart*, no *Tronco do Belvedero*, no *Fausto* de Goethe, nas portas de Ghiberti....a existencia da belleza disinitiva, — essa reuniao philosophica do bello material ou contemplativo, com o bello idéal ou methaphisico que é a legitima e completa aspiração da arte?...

« L'art est un chant magnifique,
Qui plait au cœur pacifique,
Que la cité dit au bois,
Que l'homme dit à la femme,
Que toutes les voix de l'âme
Chantent en chœur à la fois...
L'art c'est la pensée humaine
Qui va brisat toute chaîne ;
L'art c'est le doux conquerant !...
A lui le Rhin et le Tibre,
Peuple esclave, il te fait libre,
Peuple libre, il te fait grand ! »

(VICTOR HUGO.)

Librada nas candidas azas de neve, com os
pé: sobre um throno de ouro e purpura que se
estende na vastidão do universo, erguida
como o deos terminus, entre o preterito e o
futuro, a arte lembra saudosa o passado que
morreo e abre as portas ao porvir que desponta
aurifulgente e cheio de esperanças.

Mãi sagrada dos Homeres e dos Phidias, de
Dante e de Miguel Angelo, de Camões e de
Affonso Domingues, origem de tudo que ha
bom, bello e santo na humanidade, porque te
deixaste, assim , morrer tão cedo, quando
apenas dêspontavam as açucenas da primavera
deste novo mundo pomifero e infinito, que en-
grinaldado de indigenas bellezas se descortina
aos teus enlevos e artificios ? !...

Ao sopro infecto de paixões mesquinhias, o
orgulho, o erro e o vilipendio immobilisaram o
pendulo que marcava o correr de teus dias de
amor e de trabalho,— e hoje, n'uma amargura
esteril, ahi vão perdidos todos os encantos da
tua formosura! O crepe dos finados, como um
sudario apodrecido na algidez do cadaver, cobre
os pedaços da estatua da intellegencia e do tra-
balho, que outr'ora symbolisava a arte e os seus
cultores...

Religião sem crentes, culto sem sacerdotes,
altar sem luzes, —a arte entre nós, apenas pal-
pita no seio dos levitas que a adoram, como ado-

ravam a religião do crucificado aquelles crentes que se abrigavam nas catacumbas de Roma, entre a myrrha do sacrificio e os cilicios do martyrio.

Para os homens do espirito que crêem no futuro e em Deus, a arte é uma coroa de espinhos que lhes fere a fronte e ensanguenta as faces, — é a tunica enconsútil do Christo, com que se veste o talento nas realezas do genio, para melhor se atar á columna do sofrimento,— calix de agonia— ao hórto segue-se-lhes a cova da sepultura, e á sepultura o esquecimento, o nada....

No mundo do positivismo, a braços com a especulação, entre as alfaias da torpeza, a arte e a poesia fenecem na propria aureola do seu ser, porque a alma desta geração como que se degenera no ancioso labutar de ambições mercenarias e insaciaveis, perdida nas regiões da materialidade em que se esterilisa inanida pelo ardor de uma atmosphera cálida e impura.

Ai!... outra devia ser a tua sorte oh! arte, neste vergel de sol, de luz, de flores...,

Realisação externa do sentir intimo da alma, — a arte é a imagem visivel dos sentimentos que palpitam na vida do espirito, visto que a alma é uma força energica que se revela tanto nas lutas da rasão com os desejos do amor, como abatendo os delirios das paixões satanicas, dirigindo ou

graduando todos os movimentos irreflectidos do insticto, a que obedece o corpo impellido pelos gosos da materialidade.

Vida intellectual e moral do homem,—a alma é essa faculdade invisivel, esse poder pelo qual segundo o dizer de Thales,—o homem manifesta necessidades, exigencias e dons distinctos, immateriaes e assaz diferentes das precisões do corpo e da existencia animal. E' emfim uma substancia intellectual que percebe as idéas e os sentimentos na complexa magestade de ver, sentir e crear no seu proprio sér.

« A alma, diz Aimé Martin, nos adverte do seu *poder* por vontades contrarias ás nossas paixões animaes ;—da sua *moralidade* pelos sentimentos innatos do justo e do injusto ;—da sua *grandesa* por actos espontaneos da razão aspirando as verdades eternas ;—da sua *origem celeste* pelas noções do sublime do bello idéal ; — e da sua *immortalidade* pelos sentimentos do infinito que se prende no seio de Deus

Verbo da acção indefinita do Eterno circulando como um espirito subtil ao derredor de todos os productos da musa venusta e opima da arte, elevando o pensamento aos altos attributos da condição humana,—a alma, sem modificar-se na sua essencia indivisivel, estendendo o sceptro da sua irrestricte e solerte auctoridade terrestre, —dá a todas as suas obras primas o cunho da

sua emanação divina, abrillantando a vida com as allegorias da imaginação nas maravilhosas bellezas da existencia exterior que aperfeiçoa ou idealisa nas forças da sua abstracção contemplativa, para melhor sobreexceder nos sentimentos do bello e do sublime os fructos da natureza material.

A arte e os artistas.

Les artistes saints, créateurs après Dieu.
Animés de son souffle, éclairés de son feu,
Jurent par les couleurs, et le marbre, et la lyre,
Rendre de l'univers ce qu'ils y savent lire.

BRIZEUX.

A missão clara e sobreeminente da arte, qualquer que seja a forma e a linguagem que empregue na sua revelação, não é, nem podia ser, a de copiar simples e servilmente a natureza, nem mesmo naquelle explendente illapso da creaçao primitiva.

O bello idéal, que é o fim aretologico da arte, não existe senão na nossa alma, no sentimento das bellezas harmoniosas do espirito, illuminado da luz micante e ignivoma de uma aurora abeterna, que se espalha pelo orbe em torrentes de poesia.

No terreno da exacta imitaçao, isto é, da copia da realidade pela realidade, a arte seria vencida pela superioridade das obras da natureza, dotadas por Deos da vida e do movimento peculiares ao principio estavel do universo.

Subordinar a idéa à obra,—o pensamento materia era submeter o homem moral ás exigencias do mundo material, até mesmo na supremacia das faculdades do espirito.

O talento que vive das aspirações livres da imaginação, vai insensivelmente, nas investigações da verdade da natureza divina, descobrir e identificar-se com o bello idéal, tão outro daquelle que prende no limitado da imitação a intelligenzia do realista. A imitação esterilisa o engenho, assim como a copia destróe as bellezas da originalidade.

Os artistas que sem os arroubos do espirito, atados pelas peias do objectivo, copiam da natureza material, como essencia e fim, o bello das suas obras, não attingirão jamais nem á suavidade radiante e louçã do lyrismo, nem á magestade phantasiosa, esplendida e homérica da arte que se exigem do genio do poeta e do artista.

A necessidade de se elevarem os artistas a uma região superior, pois que só n'um mundo melhor se podem encontrar os elementos da beleza na plenitude da vida e da liberdade dos seres, sem abstrações,—mas desenvolvidos n'um accordo perfeito das verdades immutaveis,—está demonstrada na poetica ficção dos antigos héllenos, que prendem ao caucaso o audaz artifa que roubára a jupiter o fogo sagrado, ethereo, que daria ás suas obras, no sentimento e na

forma, aquelle typo de perfeição que resulta do conjunto uniforme e completo da vida do espirito com a essencia dos entes que se retractam.

O bello idéal, como se comprehende, não é um sér contrario, negativo da belleza real; é simplesmente a propria natureza idealizada, isto é, purificada, engrandecida, elevada ao fastigio da perfeição, revestida de brilhos iriantes, de encantos e de graças multiformes, sempre novas, magicas e theoforicas, sob a expressão fiel das harmonias da alma no imperio das suas faculdades phyzicas e moraes, que, embora apparentemente oppostas, estão uniformemente ligadas entre si e dependentes umas das outras.

No dominio intellectual da arte as imagens são mais prefixas do que as da natureza e da historia; — os symbolos são mais idéaes e por isso mesmo mais bellos, mais sublimes e mais duradouros do que essas existencias moveis e fugitivas do mundo real.

— O bello idéal é um e unico...

A realidade dos productos da arte, imitados da natureza sob os principios da revelação do espirito, é uma creação da alma que traz consigo o eunho do artificio e não o molde do real; é, como diz Benard, uma imagem, uma metamorphose mais permanente que o seu modelo, mais duradoura que o seu proprio assunto.

Fixando o que é fugaz e passageiro, eterni-

sando o que é ephemero e fugitivo, — uma lagrima, um sorriso, uma saudade, um amor, — a arte vence a natureza e a idéalisa, imprimindo-lhe uma suavidade ou um vigor que não tinha na sua forma commum, cheia de elementos insignificantes, confusos e inuteis que enfeiam a forma empobrecendo a idéa.

O verdadeiro fim da arte, a verdade do idéal, não é senão a representação das manifestações do sublime que se revelam nas concepções do espírito, nos sentimentos da dôr e dos prazeres nobres e profundos da vida moral.

O natural, o verosimil, a fidelidade nos productos da intelligencia não é a copia servil e moldada do objecto que se retracta ; — mas sim, a representação da sua forma perfeita, despida das incorreções do finito, desenvolvida nas harmonias complexas da sua natureza, cujos traços purificados, livres das irregularidades do acaso, exprimam com as revelações da alma, o fim da sua existencia physica e moral muito mais claramente que as producções da terra.

Limitar a accção do artista ao pueril empenho de reproduzir nas suas obras a belleza da natureza material, sem izental-a dos accidentes que a acompanham, era desconhecer que a melhor copia fica sempre aquem do original ; e que quanto mais exacto é o transsumpto menor é o sentimento de admiração que por ventura causa.

O que captiva, surpreende e arrasta o espectador na observação das obras da arte, não é a verdade da copia como molde, senão a criação do espirito.— A precisão da copia das bellezas da natureza deleitará talvez os olhos d'aquelles que, no seu viver contemplativo, não pôdem elevar-se além da esphera da materialidade, mas não satisfará jamais as ambições maximas da alma do poeta e do artista. Na arte, como na poesia não se quer a realidade material e positiva da forma fria e inerte como fim, nem o vago incomprehensivel da methaphisica perdida no azul do espaço; ella exige, nas apparencias do real, uma imagem da verdade, elevada por alguma cousa do idéal que a alma encontra dentro do seu proprio sér. Se assim não fosse, o daguerreotypo teria matado o desenho para o retracto, a perspectiva para a paisagem; e os seus escôrsos serião mais perfeitos e bellos, constituindo-se a rigidez do contôrno um elemento de belleza; as suas imagens porém, são frias, e a expressão phisionomica desnaturada é estupida e hirta como a do cadaver.

A photographia na sua maravilhosa reprodução artistico-industrial, sem prejudicar a arte nas suas sumptuosas manifestações e na sua missão moral perante o homem e perante a sociedade, teve um importante papel que representar em face da sciencia, tanto nas regras

da descriptiva, como no rigôr geometrico da planimetria; na verdade do claro-escuro, nos effeitos luminosos dos reflexos, na placidez das meias tintas, na côr local dos objectos, em todos esses mil nadas das regras primordiaes do trabalho artistico que os profanos não sabem ver, nem podem descobrir nas confrontações da propria natureza rica de verdade, — succolento manancial donde nascem, nos conjunctos de tanta belleza, essas harmoniosas producções do talento, da poesia e da arte.

Copiar as bellezas da natureza, não como um estudo necessario ao conhecimento da forma e à pratica do exercicio da profissão, mas sim como origem ou fonte do bello e principal fim da arte, seria preciso, amesquinhando as altas aspirações da humanidade, esquecer que imitar não é copiar, porem, já escolher; — e que para a escolha acizada e constitutiva da producção, é indispensavel o sentimento harmonico da belleza que guia as faculdades do entendimento nas producções da arte. Callimaco, creando o capitel corinthio não copiou a natureza, — imitou-a, dando-lhe forma verosimil, isto é, modificando-a segundo as regras da razão e do gosto.

«A arte, diz o Sr. Sutter, não serve só para revelar o segredo das harmonias da natureza, mas tambem para derramar a ordem e a graça

nas obras que se destinam às mais elevadas necessidades da intelligencia : abraçando o conjunto dos conhecimentos physicos e moraes, o seu fim é, o de concorrer para a perfeição da humanidade. Pondo em movimento as nossas mais nobres faculdades, contribue para a nossa felicidade por um espectaculo de harmonias e de bellezas que nos eleva a Deos : dispondo-nos para o bom, aproxima a creatura do Creador...»

— O estudo das formas da natureza nas suas variadissimas especies, como conhecimento pratico das desposições exteriores do typo material, é a base indeclinavel da pericia mesteiral do artista, visto que as imagens são a technologia symbolica da revelação da vida intima que o poeta, sentindo palpitar-lhe dentro da alma, busca perpetuar nas obras da arte que realisa, refundido por assim dizer, em si mesmo, n'um symbolo mais perfeito, essas mesmas formas, já antes conhecidas na sua existencia difinita, e que elevadas então pelas faculdades do espirito, a uma região mais santa, se completam e purificam sem se alterarem na sua essencia, accão e fim, por uma harmonia e graças novas.

E', que a arte na generalidade de seu mul-

tiplice emprego, como termo medio entre os mundos do real e do idealismo, está sempre entre a percepção sensivel e a abstracção racional. A sua missão ante a vida moral da sociedade é a de patentear em todos os seus productos alguma cousa da origem divina de que emana, que vê e encontra em si mesma, como consequencia indeclinavel de um sér potente e absoluto. « As suas obras, como diz Edgar Quinet, são o ultimo exfôrço do homem para se elevar acima da sua condição terrestre ; é depois da religião a sua mais alta aspiração. »

Olhando a natureza e divulgand-a segundo as condições do viver externo do universo,— sem se prender á esterilidade da copia baixa e vã, cuja utilidade e significação moral mal podera comprehendere, — a arte, como producto congenito da alma humana, verdadeiro fructo da inspiração crescida ao sol do raciocínio e do gosto, não pode ser transmettida da alma do artista feito, para a daquelle que começa; porque filha ingenita das faculdades do genio, resultado das harmonias intimas de certas organisações privilegiadas pelo céo, ninguem a podera ensinar não podendo dispor, como o magnanimo arbitro da creaçao, de uma vida especial, dando animação e sentimento a seres mortos na sua essencia ou então, dando vida ao proprio nada.

Brotando expontanea do viver intellectual de

individuo que a possue, pela uberdade da creaçao divina, e que o mais das vezes nem si-quer a conhece ou a avalia,— ella é alheia ou independente da vontade da creatura que a sente e vê em si, livre e sem esforços, como consequencia só do seu proprio sér.

» Le génie enflammé par d'éclatants modèles,
Illustrant le ciseau, le crayon, le burin,
D'une héroïque ardeur fait palpiter l'airain,
Donne au marbre les traits et la voix l'histoire»

(Victorin Fabre.)

E' verdade que, qualquer que seja a sua manifestação, ha nas artes uma parte pratica, technica,— a sciencia da profissão,— que se aprende, que se desenvolve e aperfeiçoa pelo estudo, pelas regras e pelo exercicio da revelação, que é mesmo o unico ponto, a gloria a que podem attingir os operarios da arte, executores das idéas ou creações alheias; — uma habilidade manual ou vocal, uma faculdade imitativa da producção alheia.

Para o poeta — artista — é indeclinavel tambem esta habilidade manual, relativa das altas concepções do seu nobre espirito, attendendo-se que a poesia e a arte, a idéa e a fórmula, não podem ser dispensadas nos productos da intelligenzia elevada da creatura.

Os meios praticos da manifestação intima da vida da alma, constituem por assim dizer forças mechanicas, que tanto mais elevadas devem ser,

quanto maior fôr o talento artistico do poeta e a grandeza da especialidade da sua missão civilisadora.

Os instrumentos da maior precisão mathemática, os processos physicos ou philosophicos de que se servem o poeta e o artista para revelar a arte constituida na facultade productiva do espirito, são dificuldades que cumpre vencer e dominar sob os caprichos da sua multiplice vontade, e se isto é assim, está claro que tanto mais habil será o artista quanto mais adestrado fôr o mesteiral no emprego desses mesmos fatigantes e indispensaveis meios da revelação da arte.

Só pela perfeição dos processos praticos do officio é dado ao homem o poder de attingir à pureza da fórmula, à idéalidade da natureza superior, a uma perfeita representação material da vida ignea que se passa na existencia intima da alma.

*« L'Ame de l'homme est une onde limpide,
Dont l'azur se ternit à tout vent qui la ride,
Mais qui, dès qu'un moment le vent s'est endormi
Repolit sa surface où le ciel a frémi. »*

(Lamartine.)

Estudar a arte em todo o poder da sua força, predispol-a para todos os esforços do trabalho do homem, vencer as suas leis formando combinações admiraveis, para, igualando um briareu

de mil braços e força herculea, levantar um mundo, polir o marmore, moldar um côrpo, dar-lhe belleza e graça, estudar todo o alcance do seu emprego, tal é por sem duvida o dever de todos os artistas.

Aquelle que só nas formas da natureza terreste descobrem o — bello — de que revestem as suas obras, não podem sentir nem avaliar talvez o que ha de febril e de phantasioso, de sublime e de magnanimo, na inspiração olympica do poeta, que evocando do limitado da natureza, do bronze, do marmore, da tella dos vocabulos ou do nada — a creaçao do seu idéal, acorda do sepulcro dos tempos, como Christo a Lazaro, — o existir do heróe que foi da terra, para perpetual-o então á luz do sol ou que descortinando o càhos dos increados seculos, diz ousado, ao futuro que hade vir : — Ahi tens a norma do teu viver de um dia.

Miguel Angelo, esculpindo a estatua de Moysés que o empoeirado véo da campa escondia da admiraçao dos vivos ou rasgando as nevoas do porvir, ainda tenebrozo, na excelsa prova do seu genio, — pintando no Vaticano o assombroso painel do *juiço final*, é a realização do mytho que faz nascer Minerva armada da ignivoma cabeça do pai dos numes, — é a omnipotencia do talento que engrandecido nas lutas do trabalho, se eleva ás regiões do creador dominado pela impetuosa paixão da imortalidade —.

« L'avenir sans fin s'ouvre à l'être illimité ;

Au matin de l'éternité...»

(Victor Hugo.)

Estendendo a acção do poder da creatura sobre a terra, a arte não é escrava, mas antes emula da realidade.

Obrigada pela contemplação das verdades eternas a mostrar em todas as obras do genio o bello — da inspiração e o da forma, para que germinem n'aquelles que esguardam sensações calmas, dôces e apraziveis, que despertem o coração e a phantazia com aspirações explen-didas e poeticas, izentas do sabor da materiali-dade, ella segue nas suas creações os processos da suprema intelligencia.

Deos é o artista por excellencia, — o omnisciente, — o unico que pôde e soube dar ás suas obras immortaes, na congruencia de seu fim , as harmonias congenitas do bom, do bello e do divino.

O genio que é a supremacia das faculdades intellectuaes do homem, está para o mundo moral, como a luz para o mundo physico: — tirai o sol, esse explendido phanal do universo, e o orbe obumbrado, perdido no silencio da tristeza, se afundará em gelo e escuridão.

A junça do brejo e o cedro; a herva humilde

e o altivo jequitibá ; as aves e os brutos ; as flôres e os homens, todos em hosanna ao creador, sorriem ao aspecto da luz iriante do sol, que falla do movimento eterno, do trabalho, e da gloria. O sol é a luz, e o calor ; é o alento e a vida para a materia e para o espirito.

Deixai o homem physico mergulha-lo na escuridã, das trévas, e seu corpo e sua alma ardente, amesquinhados na orbita da sua natureza finita, limitar-se-ha somente ao nada da existencia animal.

Tirai a intelligencia, o talento, o genio do homem moral, conservai-lhe, embora, todos os instinctos da sua vida animal, e vereis que tudo o que ha de grande e nobre, de fino e de sublime nas aspirações pompozas da humanidade, terá para sempre desapparecido da face da terra.

Na alma desse gigante da creaçao que ás vezes na pequenhez da sua materialidade, morre de frio e de mizeria, ha um raio, uma scentelha, um átomo, um — que — tão intimo da existencia abeterna do creador, que se revela em trez faculdades essenciaes à sua constituição superior, intelligente e livre ; que são : — o sentimento, o raciocinio e a acção.

Para corresponder a cada uma dessas trez faculdades, ha trez diversos modos de actividade da vida humana, na sua mais alta força intelectual : — a arte, a sciencia e a industria.

A arte é pois a — manifestação — immediata das faculdades do sentimento, e das que se dirigem à faculdade do entendimento, reagindo sobre a parte moral do homem; ella é a sublime revelação do poder supremo da creatura sobre todos os outros animaes, ainda mesmo, aquelles cuja extructura é mais semelhante a do homem.

A faculdade moral que por ventura mais eleva as irracionaes é a — recordação —, uma certa memoria com que são dotados e que, embora, apparentemente semelhante não é entretanto, igual à do homem, que tem consigo, como força occulta e inseparavel, a estima, o amor, a saudade.

Sublimidade da arte ! Eis ahi a vossa origem !

Divina e humana ! Espírito e materia ! Inspiração e fórmula, sois uma criação do homem, baseada nos principios fecundantes, magnanimos e puros da criação do mundo. Como termometros da civilização, a poesia e a arte marcam todas as phases das evoluções da terra e do céo.

Elles retractam a feição moral, o viver religioso, o patriotismo e o amor da familia no lar domestico. O amor do honesto e do justo ; o progresso material e intellectual; a riqueza emfim, do paiz em que florecem.

Arvore abençoada pelo céo, seus fructos são o orgulho da sociedade civilizada, do homem e de Deus, que se revê nos fructos do seu poder, vasado no ambito moral da creatura.

A poesia e a arte são incomprehensiveis para os homens rudes e vulgares que subordinam o sentimento e a vida á formula algebrica do livro caixa ; e que só na materialidade positiva, na existencia pecuniaria do mercantilismo, acham utilidade e encanto.

Afastados por sua propria organisação da esencia da arte, da harmonia do bom e do honesto, encerram-se no vicioso circulo de um exagerado amor proprio, esquecidos de que o egoismo semelhante á mansenilha, mata aquelles que se abrigam á sua sombra.

« L'égoïsme est une arbre inutile,
Qui n'abrite jamais ceux qui vont à la ville;
Sur le bord des chemins c'est une arbre isolé,
Sombre et dont le feuillage est rare et désolé ».

(ANTONY)

O exercicio da arte e da poesia é um sacerdocio do genio, que elevado ás regiões do azul do espaço, não pode limitar-se á arena da feira, onde crepitam no balcão do tendeiro a vileza e o cobre do commercio.

Na fecundidade do sentir do poeta e do artista, ha alguma couza de sublime, de santo e de desinteressado que é a—justificação da dignidade, e da excellencia da alma humana.

Quando a arte se embrenha em calculos mercenarios, preza a inspiração ás formulas de uma

escripturação mercantil, a poesia morre, assfixiada nas proprias alfaias da sua corrupção.

O genio que se eleva nas azas livres da phantasia até aos páramos do sublime, onde se encara Deus e a immortalidade, não desce ao materialismo da concorrença no mercado. As raias do pudor artístico têm seus limites...

Infelizmente para a arte poucos comprehendem estes melindres do genio... os próprios artistas, o mais das vezes, arrancam de cima das espaduas a chlamyde sagrada do sacerdote para vestirem a capa do hestrião da praça publica!...

Mendigando o louvor da turba ignara, curvam a fronte à comedia de uma popularidade que engendram, esquecidos que a arte como princípio creador da gloria, impõe deveres tão respeitaveis, leis tão severas que a ninguem é dado afastar-se dellas sem levar consigo o stigma de profugo e de matricida!

Subordinados às exigencias mysteriozas do seu mister, o poeta e o artista não têm uma existencia vulgar; creando por si como a divindade, hão de curvar-se ante as oblações do seu culto, sem adormecer jamais ao som dos hymnos da victoria ou ao mentiroso cantar das sereias da lisonja.

Nas vigilias martyrisantes do labor em que o fogo sagrado da poesia parece aniquillar-se, perdido nas degradações da necessidade da vida,

é que a alma dos verdadeiros apostolos da arte, mais se apura, elevando-se às altas regiões do — bello — ideal, apreciação methaphysica de certas organisações superiores; flor e fructo que espontaneos brotam do seu cerebro, do seu coração, do seu proprio sér.

« Le monde est grand et l'âme humaine
 Plus grande encor;
 Elle a l'infini pour domaine,
 Dieu pour trésor ».

(E. DESCHAMPS.)

II

Un artiste est un homme ; il écrit pour les hommes ;
 Pour prêtresse du temple, il a la liberté,
 Pour trépied l'univers, pour élément la vie,
 Pour encens la douleur, l'amour et l'harmonie,
 Pour victime son cœur, pour dieu la vérité.

A. DE MUSSET.

O instincto da imitação, subordinado a certos raciocinios e convenções originou a arte, na sua essencia e nas suas variadas manifestações.

O seu exercicio porém, e a satisfação da necessidade que tem o homem de reproduzir, de um modo sensivel, a vida que se passa no interior de sua alma ardente, exigem do artista alguma cousa mais do que a imitação servil e baixa da materia, de certo incompativel com a sublimidade da sua missão moral, ainda mesmo,

quando não seja dado à creatura o poder de attingir á completa revelação do — bello, absolutamente separado de toda a idéa material, — de todo o objectivo vizivel.

Na plena magestade da vida interior do pensamento, em que o artista parece ás vezes comunicado com a sublime omnipotencia do creador, não é permittido ao homem o ingente poder de dar ao mundo, n'uma manifestação vizivel, a imagem eloquente do conjunto harmonioso, poetico e artistico que nasce e floresce no imitimo da sua titanica cabeça.

A manifestação ainda a mais habil e prompta é difficiente. — O fructo não corresponde á flor. No mundo real não pode o homem perpetuar quanto lhe vai la dentro de bello e de divino.

A sua essencia, os cambiantes da luz etheria que lhe illumina a alma, mal pode a materia recebel-a. A revelação mata ou amesquinha o agigantado sentir do poeta e do artista.

Procurar pois, as leis estheticas da arte, conhecer theoricamente os principios philosophicos em que elles se baseam ; — desenvolver praticamente, isto é, submetter ao trabalho de cada mister as consequencias dessas theorias, de modo porém, a governar essas leis e esses principios como senhor e não escravo dellas, tal parece ser o anhelo e o fim de todos os artistas.

Par la réflexion l'homme ennoblit son être,
S'exalte, et la raison fut donnée aux humains
Pour sentir dans leurs coeurs les œuvres de leurs mains

(E. Deschamps)

Se o genio, como pretendem alguns philosophos, é uma aptidão peculiar dos espiritos superiores, nascida de si mesmo e não o resultado da observação e do trabalho, vê-se tambem que a applicação das regras, o estudo das obras primas e a perseverança no exercicio da arte, fazem adquerir ás intelligencias bem constituidas uma faculdade equivalente que é talvez a — inteligencia e o talento, desenvolvidos e elevados pelo estudo ao maximo vigor das forças do entendimento; — Buffon chamava genio à — aptidão á perseverança —.

A intelligencia uma vez enriquecida pelo numerario do estudo e exercitada pela perseverança no trabalho, crêa, quasi sempre, uma aptidão, uma força inventativa ou uma vocação, que apoiada nas praticas da philosophia tão alta se levanta que mais tarde tambem se chama genio.

Se a intelligencia não se adquire, aperfeiçoase e engrandece-se, como todas as outras potencias do espirito. As acções da intelligencia são como as acções materiaes do corpo, instrumentos de trabalho que a vontade do artista

exercita na pratica da revelação da arte, fundada no principio da unidade que preside á nossa natureza.

As situações da alma, as causas interiores ou exteriores que exercitam um acto ou acção qualquer sobre a existencia intima do homem, abatem ou influem a imaginação e o espirito, segundo as condições de que se acha rodeado o poeta ou o artista.

A dedicação ao trabalho que regenera a criatura e certos factos da vida individual, um amor ou um crime, a paixão emfim de um sentir extremo, são para muitas organizações protegidas pelo estudo e por uma vontade inquebrantável, a causa motora e fecundante do apparcimento de mais de um homem de talento, desses mesmos que têm absorvido o culto e a admiração dos séculos.

Se o estudo, a observação, o trabalho e as regras não são elementos vivificadores da imaginação e do talento, desse mesmo talento que mais tarde se chama genio—temos que admettir o paradoxo de alguns artistas dissidentes do amor ao trabalho e ao estudo, que querem estabelecer o sentimento e o gosto como a causa efficiente e absoluta da arte, o que seria pretendê-la, por absurdo, sem regras nem preceitos.

Se ao sentimento natural se deve as primeiras produções do espirito, as descobertas, os principios, e, por consequencia as regras que a observação e a experientia fixam nas artes e sciencias, não pôde, contudo, o artista florescer nas condições do progresso intellectual dos seculos, guiado unicamente pelo influxo da natureza; isso tornaria a arte estacionária, e mesmo rutineira, se não superflua; — partindo do conhecido para o desconhecido —, do finito das regras para o infinito da inspiração, é que o talento e a vocação do artista se engrandecem, descobrindo, como o *Vasco da Gama*, mares nunca d'antes navegados.

«Não é ao accaso, diz Plutarcho, que se devem as bellas obras da arte; ao contrario, — ellas nascem da observação e da sciencia do artista »

Se o fim da arte, todo espiritual, só existe na alma, no sentimento da harmonia, sem o qual não ha belleza nem poesia, é preciso convir que só por meio da materia a idéa se revela, e é para o bello da revelação material que se exigem as regras e as leis da philosophia.

O talento, o verdadeiro — genio, produzindo por si só, segundo as harmonias da sua inspiração, não copia; mas para chegar à realisação do pensamento, precisa, e muito dos preceitos que graduam a applicação do sentimento.

A verdade da arte, derivada da pratica e do

conhecimento das immutaveis leis da natureza, estabelece bases e theorias que cumpre aos artistas conhecer, visto que a perfeição intellec-tual, resultado do complexo das faculdades homogeneas do entendimento, auxiliada pelo tracto da philosophia, é o que conduz ao conhecimento do bello.

O — actor por exemplo, é — um mytho — um jano de mil feições, de mil gestos e costumes, — um corpo com sentimento, mas sem coraçāo, — uma intelligencia com espirito, mas sem alma, isto é, — uma faculdade que conheça e domine o sentimento sem sentir, — um fogo que não arda, — uma luz que não se apague, — sempre perenne, constante, que lhe dure tanto como a vida.

Generalisando as paixões, ha de vel-as e sentinelas sem se apaixonar, para não se esquecer de si, para não cahir na realidade que buscā imitar, pois que o auctor não é o personagem que o drama ou a comedia representa, mas apenas a sua ficção.

Lembrando-se da pessoa que retrata, não deve nunca esquecer-se de — si — para que não se esqueça tambem, na realisaçāo do personagem que symbolisa do pensamento do poeta que lhe diz do fundo do seu gabinete com o despotismo

da imaginação : *Ri*, embora o teu coração chore lagrimas de sangue ! . . . *Chora*, embora os teus labios estremeçam ébrios de alegria.

E' verdade que as condições peculiares e excepcionaes em que se dà o trabalho scenico, submettendo-o a uma dependencia completa da organisação animal do proprio artista que o desempenha, alteram de certo modo não os principios philosophicos da arte, mas a facultade revelativa do poeta artista, que, não podendo fixar a voz, o gesto, a accção, a vida com que representa a sua obra, não pôde portanto ver, em si, e na instantaneidade da existencia do seu labor, o fructo da inspiração que realisa nas funcções do seu proprio ser, que a alma acorda e põe em movimento pelo artificio da arte.

No theatro o artista tem de ser por si, e na mesma occasião, o productor e o objecto produzido !

Collocado em uma accção de actividade intima e externa, *poeta e operario, verbo e paciente*, sem a possibilidade de se observar, de vera arte que manifesta, tem de subordinar-se, guiado pela intuição do proprio — eu —, à duplice facultade da força inventativa e productora que se lhe exerce na alma illuminada da luz sublime da divindade de que desceu, para produzir então, nas apparencias do real, uma imagem verosimil da verdade dos sentimentos que o artista symbolisa e que não sente.

Os sentidos são a sua esthetica, e a accção da arte o seu unico producto.

Difficuldades sem termo, para resolvê-las só na sublimidade da arte se pode encontrar auxilio.

O — *artista actor* é o Protheu da fabula, vario e constante, velho e moço, terno e cruel, amorozo e impio, nobre e vil, fidalgo e plebeu, covarde e valente; ora sujeito a um, ora a outro sentimento, tem de percorrer a orbita de todos os caracteres da humanidade, sem se perder na practica do cynismo ou do crime, na paixão do amor ou do odio...

Abrançando a mulher que detesta, ou afastando aos brados da maldição a mulher que unira aos labios cheio de jubilo, ha de fundir-se em todos os assumptos, sem ardor nem friesa, para apropiar-se racionalmente do sentimento que os inspirou e do affecto que então exhibe, encarnando-se naquella substancia alheia, para pensar e sentir como ella, sem que se metamorphosée no caracter que realisa. « Ce n'est pas l'object en lui même que le spectateur va chercher à la comedie, mais simplement l'imitation ».

(Preville)

Obrigado pelo mister a comprehendér e a demonstrar na scena todos os sentimentos hu-

manos que actuam na dor que mata, no sorriso que dá vida, tem de abandonar-se ao personagem que afigura, á missão que desempenha, sem olvidar-se da sua propria individualidade, do seu — eu — que é alli a razão, a faculdade pensante que vê e sente a arte para determinar com precisão até que ponto devem chegar os vôos da paixão, o grão de sensibilidade, o tremor dos lábios, o ancear do peito, a suffocação da voz.....

Poeta em acção — o artista actor — identifica o seu espirito com o do poeta que idealisou a obra; casa o seu sentir com o sentir do irmão, une a sua alma á dele, derrama no seu cerebro as lavas que rebentaram do volcão daquella inteligencia, banha-se no mesmo *Jordão*, e, propheta da mesma crença, soldado da mesma crusada, morre com elle, ou com elle vai tambem ao fastigio da gloria, ao seio da immortalidade.

A arte não consiste somente em imitar a natureza, reproduzindo com mais ou menos perfeição uma idéa ou um typo; — a arte tem por fim especialmente a revelação do — bello na sua plenitude e no esplendor do seu desenvolvimento, sempre subordinada a todas as exigencias da razão e do espirito.

Para ter-se uma idéa completa da belleza na

arte, é preciso ajuntar a perfeição á plenitude do — sér que se pretende, de modo a exercer sobre a nossa sensibilidade a impressão real da sua essencia, que, unida á apreciação das qualidades peculiares do caracter ou do assumpto que se representa, constitue por si mesmo em nossa alma, esse facto complexo do espirito que se chama admiração...

Se o genio imitativo do homem originou a arte, o seu fim não é certamente o de copiar absoluta e servilmente a natureza, — visto que a belleza na arte, não é a reprodução photographica e mathematica da realidade, mas a expressão da natureza modificada pelo raciocinio, pela reflexão e pelo gosto.

E' que a verdade na arte não é a mesma verdade da vida commun; nesta quer-se por assim dizer, a — verdade material, naquelle busca-se a—verdade do idéal ; de outro modo, como supportar-se-hia no theatro a reprodução das scenas de um — ébrio, de um — tôlo, ou de um — louco ? A realidade seria repugnante se não impossivel.— « Dans les arts, diz Fleury, la vérité n'est pas tant la vérité que la chose à lquelle on trouve ce secret de faire croire. »

Na arte, como na eloquencia, raras vezes a belleza está na verdade, tal como ella se entende no mundo positivo.

Da belleza natural dos objectos representados, unida à belleza racional da execução que modifica e eleva aquella até aos dominios do idéal, nasce o — bello artístico, suprema aspiração, conquista eterna a que se votam os infatigáveis sacerdotes do culto sagrado das musas, onde o genio do poeta, como a aguia, transportado às regiões do sublime, devassando os segredos da natureza que emerge da luz do seu espirito, mostra na perfeição das obras primas que produz, qual é o elo que prende a alma do homem á essencia do creador....

Oh ! os artistas são os homens do Evangelho ... que não vivem só do pão, mas da palavra... filhos do sentimento, escravos da inspiração e do trabalho,—esquecem-se de si, embevecidos nos esmaltados horizontes da sua fantasia e só na campa o mais das vezes, os vêm coroar os louros da victoria.

Das cinzas do seu cadaver, é que brotam as rosas da sua immortalidade.....

Felismente a gloria é a primeira e a ultima illusão.....ou realidade dos poetas e dos artistas,

A ARTE DRAMATICA

E A

Sra. D. Ludovina Soares da Costa

A ARTE DRAMATICA

E A

SRA. D. LUDOVINA SOARES DA COSTA

Do pó dessas antigas ruinas em que dorme
inanimé e impenitente, acorda e ergue-te, miser-
rima Jerusalém !

O teu passado artístico pôde ainda reviver
n'um futuro de glórias, se no teu coração inerte
conservas uma só das centelhas do fogo sagrado
que te animava outr'ora !

Ergue-te, pois, cadáver do trabalho, sacode
as tuas vestes desbotadas da aridez da campa,
toma a ambula dos teus dias, e, novo Lazaro,
partindo a lage do sepulcro, cheio de uma
nova vida, caminha até o altar do sacrifício.

Olha como o ar mephitico da morte apodreceu
todas as galas do paludamento que te cobria!

Sob o peso da tua ossada gigante, immobili-
sada ao sopro gelido da incuria e da vaidade,
ahi tens esmagados, murchos, os mais virentes
louros, dos teus dias de triumpho.

Arte infeliz ! A toga roçagante com que enfeitavas teu airoso corpo perdeu o copalico brilho da sua côr ;— o punhal enferrujou-se, e os cothurnos com que magestosa pisavas os degrões do templo, cahirão-te dos pés, desfeitos no pó do tumulo !...

Levanta-te, mumia de um dia!... Ainda é tempo; anima as tuas carnes resequidas, enfeita-te com as tuas mais custosas gemmas, cobre-te com o teu pallio ; e, assim vestida, canta de novo os teus hymnos de victoria !

Olha em derredor de ti, e vê como as trevas de uma noite prematura envolvem a tua existencia inteira : o teu nome hoje é um phantasma erguido entre o homem e o artista, entre a sociedade e a scena, entre a rotina e a arte, entre a luz e as trévas !

Acorda, e não te deixes amaldiçoar como uma perdida das ruas da dissoluta Babilonia ! Eргue-te, ajoelha-te, e, constricta, pede a Deus o perdão das tuas culpas !

Adormeceste ao som dos dithyrambos estúpidos da lisonja, e não viste chegar a hora do castigo ! Cahiste, e, nova Jerusalem, não tens quem chore a tua quēda !

Os teus sacerdotes morreram, ou peior ainda, degeneraram em bastardos da gratidão, que, como Nero, sacrificam sua propria mãe ! Os

passamanes do pluvial com que se vestiam mancharam-se indelevelmente do sangue da sua victimia ; e não ha quem livral-os possa do anathema do matricidio !

Mohicanos rebeldes; raça proscripta, ahi vagâiam errantes, sem lar e sem repouso ! Esquecidos do seu mister, perdidos do seu norte, lá vão, como malditos, sem patria, sem sol nem flores, trocar os psalmos de David pelos cantares do prostibulo, enquanto Jerusalem decahida, como uma ossada gigante, ahi dorme carcomida!

Tudo jaz por terra ! As moles se partiram, as naves abatêram, as columnas derrocaram-se, o tabernaculo estremeceu ; e as vestaes, que ali entoavam orações de fé, cahidas sob o crepe que as envivia, nem dão signal de si!...

Tudo está extinto ou transformado ! Ninguem mais conhece as latreuticas alfaias com que se revestiam os sacerdotes do culto artistico : o templo está mudado em bazar de fancaria !

O ar que ali circumda abafa como o do deserto nas tardes calmosas do estio ; e os perigrinos, que, cansados do labor do dia, esperavam repousar nos degráos do portico do monumento embevecendo-se nas suaves harmonias das preces dos levitas,—desconhecendo o lugar e usos tâes — , olhando para o céo, tristonhos passam Entretanto, ás vezes, quando o horisonte

parece querer desanuviar-se ; quando o sol pallido e frio de um inverno intempestivo deixa ainda assim cahir sobre aquelles destroços alguns dos seus raios de luz ; quando não se ouvem mais as vozes dos fantasmas que povôam aquelles peristylos e hemicyclos que testemunharam a lâtria da arte ; quando a rajada do vento sul que zune na cumiada das ruinas é substituida pelo sopro fagueiro das aragens do mar, parece que aquelles tempos de um passado artistico, que lá foi perdido, reapparecem de novo !...

O azul do céo, marchetado das constellações formosas da zona torrida, torna-se mais bello, o ar serena-se, e uma voz mystica, perdida na solidão da noite, mas intima e santa, ouve-se ao longe entoar um cantico tão sentido e plangente, como uma oração de morte em labios do que não descreu !...

Quem ali passar, então, verá sobre algumas pedras que escaparam inteiras da queda do edificio, um altar erguido, onde ardem brandões grosseiros, mas onde se queima e sobe até aos céos a myrra e o incenso !

Ao lado do altar, como uma piedosa mãe que chora unida á campa que guarda os restos do seu filho amado, vê-se ainda ali orando, coberto de uma alva tunica do sacerdocio, coroado de cisalpina e louros, um vulto de mulher !

E' a sacerdotiza das florestas que escapou incolume do pampeiro da destruição, que varreu a terra desde o topo das montanhas até ao leito dos rios, é a unica que persistio intacta e pura ao halito da vaidade torpe e do orgulho que queima e mata !

O talento e a virtude, unidos em um só principio, vivendo um do outro, como os *gêmeos siamezes*, não podem separar-se nunca, porque a luz não pôde separar-se do sol ; e a luz e o sol para a actriz são a honestidade e a arte....

O turbilhão do egoísmo, ou antes da soberba, que, como Atila, appareceu entre nós destruindo a arte e os artistas, não poluiu os seus arminhos nem desbotou a purpura do seu manto. O pharol do seu espirito não se apaga ;—como no primeiro dia da sua gloria—, é ainda brilhante e sublime no vigor de sua essencia !...

Symbolo do genio ; centelha de luz dramatica encarnada no ser humano ; nobre e grave no labor de artista ; virtuosa e calma no viver de mulher, eil-a— a vestal do templo com os olhos fitos no céo, velando pela conservação do sagrado fogo !

Estatua do heroismo nos dias da desgraça ! E' a sacerdotiza do presbiterio que, sobranceira a queda de Jerusalem, empunhando ufanamente

pédum de Thalia, revestida com o péplum e a chlamyde, sem esquecer seu passado, vai ainda hoje, em honra do mister que em si resume, sacrificando nas aras do seu templo druidico, recordar entre nós a arte grega.



INDICE

| | |
|--------------------------------------------|-----|
| CARTA A BETHENCOURT DA SILVA. | 3 |
| Manoel Antonio de Almeida | 9 |
| Egas Moniz. | 59 |
| Oração à S. Ensaios Litterarios. . : . . . | 87 |
| Escolas da Glória. | 99 |
| Escola normal | 111 |
| O Poeta e o Artista. | 123 |
| A Poesia e a Arte : | 127 |
| A arte e os artistas | 139 |
| A arte dramatica | 169 |

ERRATA

| FOLHAS | LINHAS | EM LUGAR DE | LEA-SE |
|--------|--------|--------------------|----------------------|
| 24 | 15 | humaninidade | humanidade |
| 35 | 19 | quantas | quantos |
| 37 | 11 | inesparados | inesperados |
| 38 | 10 | subidos quilates | subido quilate |
| 39 | 23 | de de haver-se | de haver-se |
| 40 | 23 | prescrutar | perscrutar |
| 42 | 14 | proventos | proveitos |
| 47 | 4 | de | da |
| 78 | 22 | mai | mais |
| 80 | 41 | trahidr | trahidor |
| 81 | 13 | des fio | desafio |
| 82 | 81 | traidor | trahidor |
| 87 | 13 | questões | questões |
| 87 | 20 | obsridade | obscridade |
| 93 | 11 | e | se |
| 94 | 2 | e | o |
| 94 | 25 | lettaas | letras |
| 133 | 24 | devu | deve |
| 134 | 30 | brizat | brisant |
| 140 | 1 | pensamento materia | pensamento à matéria |
| 140 | 27 | artita | artista |
| 143 | 1 | arrostra | arrosta |
| 162 | 14 | abrançando | abraçando |
